



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**

JÉSSICA CRISTINA TELES DOS SANTOS

**A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DAS MARAVILHAS DO MUSEU
DE ARTE SACRA DA UFBA: ESTUDOS PRELIMINARES PARA
ELABORAÇÃO DE DIRETRIZES EXPOSITIVAS**

Salvador

2017

JÉSSICA CRISTINA TELES DOS SANTOS

**A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DAS MARAVILHAS DO MUSEU
DE ARTE SACRA DA UFBA: ESTUDOS PRELIMINARES PARA
ELABORAÇÃO DE DIRETRIZES EXPOSITIVAS**

Monografia apresentada ao Departamento de Museologia,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade
Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Joseania Miranda Freitas

Salvador

2017

Santos, Jéssica Cristina Teles dos

A imagem de Nossa Senhora das Maravilhas do Museu de Arte Sacra da UFBA: Estudos Preliminares para elaboração de Diretrizes Expositivas. / Jéssica Cristina Teles dos Santos, Salvador, 2017.

64 f.

Orientadora Prof. Dra. Joseania Miranda Freitas

TCC (Graduação – Museologia) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

1.Nossa Senhora das Maravilhas, 2. Exposição Museológica, 3.História de Salvador, 4.Museu de Arte Sacra da UFBA. I. Freitas, Joseania Miranda. II. Título.

JÉSSICA CRISTINA TELES DOS SANTOS

**A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DAS MARAVILHAS DO MUSEU
DE ARTE SACRA DA UFBA: ESTUDOS PRELIMINARES PARA
ELABORAÇÃO DE DIRETRIZES EXPOSITIVAS**

Monografia apresentada ao Departamento de Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovada em _____ de _____ de _____

Joseania Miranda Freitas - Orientadora _____
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha _____
Doutor em História Social Pontifícia pela Universidade Católica de São Paulo
Universidade Federal da Bahia

Milton Araújo Moura _____
Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da
Bahia
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me ensinado tanto durante toda esta trajetória. Obrigado Senhor por dar sentido a tudo e que seja tudo para ti.

Não posso deixar de agradecer também a minha família, pelo apoio não só durante a realização deste trabalho, mas durante o curso.

Agradeço a minha mãe, Márcia Teles, pela intercessão, pelas palavras de apoio, pela paciência, pelas noites em claro do meu lado nos finais de semestres, por me acalmar, por me ensinar... eu poderia escrever páginas te agradecendo, muito obrigada!

Agradeço também a meu pai, Geraldo dos Santos, por sempre me incentivar nos estudos e pelas palavras de ânimo.

Obrigada Gisele Teles, minha irmã, pelo apoio e parceria de sempre, por me ajudar a rir mesmo nos momentos de tenção durante a realização deste trabalho.

Agradeço imensamente a minha orientadora, professora Dra. Joseania Freitas, pela paciência em corrigir o texto do trabalho, pela competência na orientação, por manter o bom humor, e a dedicação, mesmo diante de uma agenda cheia ...

Prof. Dra. Joseania Freitas, obrigada também pelas inesquecíveis aulas de História e Patrimônio na Bahia que de certa forma também influenciaram na escolha do tema deste trabalho.

Agradeço aos colegas de turma, especialmente aquelas que além de parceiras acadêmicas se tornaram amigas. Jussara Piedade e Luise Pereira muito obrigada pela paciência por me fazerem rir, por me ensinarem sobre Museologia, sobre Arte, sobre História, mas principalmente sobre a vida.

Agradeço muito à equipe do Museu de Arte Sacra que desde a época do Estágio me recebeu tão bem. Agradeço em especial a Isabela Marques, coordenadora do setor de documentação e pesquisa, por todo empenho e solicitude em me fornecer os documentos necessários para o desenvolvimento da pesquisa, a coordenadora do setor de restauração

Cláudia Guanais por me fornecer documentos sobre a peça e pelos esclarecimentos quanto aos processos de conservação desta, e ao diretor do Museu, Francisco Portugal, pela esclarecedora entrevista sobre imagem de Nossa Senhora das Maravilhas.

Meu muitíssimo obrigada também à equipe do Setor educativo, Juciléa Santos e Antônio Andrade e a todos os guardas de acervo. Um agradecimento muito especial a vocês sem quem eu nunca teria conhecido a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas.

Agradeço a todos os professores do curso de museologia, em especial a professora Suely Ceravolo, pela orientação no início da pesquisa, e a professora Graça Teixeira pelo incentivo durante o curso.

Desde já agradeço também à banca, composta pelos professores Milton Moura e Marcelo Cunha que se dispuseram a ler e contribuir com este trabalho.

*Minha alma glorifica ao Senhor,
meu espirito exulta de alegria em Deus, meu Salvador,
porque olhou para sua pobre serva
Por isso, desde agora
me proclamarão bem aventurada todas as gerações,
por que realizou em mim maravilhas aquele que é
poderoso
e cujo nome é Santo .
Sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre os que o temem*

(Lucas 1, 46-50)

SANTOS, Jéssica Cristina Teles dos. **A Imagem de Nossa Senhora das Maravilhas do Museu de Arte Sacra da UFBA**: Estudos Preliminares para elaboração de Diretrizes Expositivas. 64 f. il. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

RESUMO

Este trabalho apresenta um primeiro estudo relativo aos traços biográficos da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, atualmente salvaguardada no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia - MAS/UFBA, analisando o potencial documental que a peça possui em informar aspectos sobre a formação e cultura da cidade de Salvador, com o objetivo de propor diretrizes para a elaboração de uma exposição no Museu sobre o tema. Para isso foi realizada pesquisa do tipo bibliográfica em livros, artigos, teses e, dissertações e na documentação do Museu. Objetivando recolher dados para a pesquisa também foi realizada uma entrevista com o diretor da instituição. Na leitura dos capítulos são narrados fatos ocorridos em Salvador que se entrelaçam com a história da peça, através de uma discussão sobre o potencial da imagem como objeto museológico, buscando compreender a cadeia operatória pela qual a imagem passa dentro do Museu, finalizando com discussões sobre exposições museológicas e como estas devem ser concebidas para bem comunicar as narrativas e ideias formuladas pelo museu aos visitantes, apontando, a partir daí, possíveis caminhos para a elaboração um projeto de exposição temporária sobre a imagem.

Palavras-Chave: Nossa Senhora das Maravilhas, Exposição Museológica, História de Salvador, Museu de Arte Sacra da UFBA.

SANTOS, Jéssica Cristina Teles dos. **The Image of Our Lady of the Wonders of the Museum of Sacred Art of UFBA**: Preliminary Studies for the elaboration of Expositive Guidelines. 64 f. yl. 2017. Course Completion Work. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

ABSTRACT

This article presents a first study on the biographical features of the image of Our Lady of Wonders, currently safeguarded in the Museum of Sacred Art of the Federal University of Bahia - MAS/UFBA, analyzing the potential of the documents that the piece possesses in informing aspects about the formation and culture of the city of Salvador, with the purpose of proposing guidelines for the elaboration of an exhibition in the Museum about the theme. For this, bibliographic research was carried out in books, articles, theses and dissertations and in the documentation of the Museum. In order to collect data for the research, an interview with the director of the institution was also carried out. In the reading of the chapters are narrated facts that occurred in Salvador that intertwine with the history of the piece, through a discussion about the potential of the image as a museum object, seeking to understand the operative chain through which the image passes inside the Museum, ending with discussions about museological exhibitions and how they should be designed to communicate the narratives and ideas formulated by the museum to the visitors, pointing out, from there, possible routes for the elaboration of a temporary exhibition project on the image.

Keywords: Our Lady of Wonders, Museological Exhibition, History of Salvador, UFBA Museum of Sacred Art.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Nossa Senhora das Maravilhas, acervo, MAS/UFBA.....	p. 17
Figura 2	Nossa Senhora das Maravilhas. Maro, Espanha.....	p. 18
Figura 3	Nossa Senhora das Maravilhas Cehegín, Espanha.....	p. 18
Figura 4	Nossa das Maravilhas, Madri, Espanha.....	p. 18
Figura 5	Poema de Soror Violante.....	p. 27
Figura 6	Recibo de empréstimo, MAS, 1975.....	p. 38
Figura 7	Sala de Exposição Valentin Calderón, MAS-UFBA.....	p. 44
Figura 8	Vitrine com imagem de Nossa Senhora das Maravilhas.....	p. 44
Figura 9	Capa e contracapa catalogo UFBA.....	p. 44

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A SENHORA DAS MARAVILHAS.....	16
2.1 NOSSA SENHORA DAS MARAVILHAS NAS HISTÓRIAS DA CIDADE DE SALVADOR.....	19
2.1.1 Nossa Senhora das Maravilhas e a Fundação de Salvador	20
2.1.2 Nossa Senhora das Maravilhas e a Educação na Bahia.....	22
2.1.3 A Imagem de Nossa Senhora das Maravilhas e a Invasão Holandesa na Bahia.....	25
2.1.4. A Imagem de Nossa Senhora das Maravilhas e a Literatura Colonial na Bahia.....	26
2.1.5 Nossa Senhora das Maravilhas e a Urbanização de Salvador.....	31
3. A IMAGEM COMO DOCUMENTO DA CIDADE	34
3.1 A IMAGEM NO MUSEU.....	39
3.2. DIRETRIZES EXPOSITIVAS.....	46
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	59

1. INTRODUÇÃO

A primeira vez que fui a um museu, eu ainda era uma criança, devia ter uns oito anos de idade. Apesar do tempo, ainda me lembro das sensações que tive naquele dia. Lembro-me de ficar encantada com os objetos em exposição que reunia mobiliário, porcelanas, prataria, pinturas, esculturas e outros objetos de Arte Decorativa de séculos passados.

Era como entrar em vários mundos diferentes. Os objetos me levavam ao mundo que tinha ouvido nas histórias dos mais velhos, ao dos contos infantis, ou ainda, ao mundo dos meus livros de história, que me ajudavam a entender o porquê o mundo de hoje é o mundo de hoje. Foi uma experiência única e que, de certo modo, me trouxe até aqui, que me levou a cursar Museologia e a desenvolver este trabalho.

Ao longo do curso, sempre me interessei por exposições museológicas, pois elas continuavam a me despertar uma sensação parecida com aquela que tive quando era criança. Me interessava a forma como as exposições se propõem a transformar, à vista do público, os mais diversos objetos, em dispositivos através dos quais pode-se contar histórias e fazer revelações sobre o modo de vida de uma sociedade.

Também me interessava a potencialidade que os objetos em exposição tinham em revelar informações sobre nós mesmos, e sobre aspectos do nosso cotidiano que antes ignorávamos. Enfim, empregando uma expressão muito usada pela museóloga Marília Xavier Cury (2005), sempre me encantei com a forma pela qual as exposições conseguem levar ao público a “poesia dos objetos”.

Já, durante os primeiros anos do curso, pude ler sobre os recursos utilizados pelos profissionais de museu para que as exposições pudessem revelar a poesia por traz de seus acervos. Inicialmente me interessou de forma especial a utilização do teatro.

Alguns museus utilizam essa arte como um dos recursos de auxílio para a composição das narrativas que estes pretendem construir a partir de suas coleções. O teatro também é utilizado como uma forma de revelar o trabalho, a vida humana por traz dos objetos. Assim como os vídeos, as músicas, as luzes e os próprios objetos, o teatro é utilizado nas exposições para proporcionar uma experiência sensorial ao público. Dentre os museus que já utilizaram este recurso estão por exemplo, o Museu da Vida e o Museu da Maré, ambos localizados no Rio de Janeiro e que divulgam através de sites e redes sociais este trabalho.

Por muito tempo este foi meu foco de pesquisa. Durante o curso de Museologia são oferecidos componentes curriculares para o desenvolvimento de habilidades para pesquisa como Pesquisa Museológica I e II e TCC I. Enquanto cursava estas disciplinas, desenvolvi um projeto de pesquisa, sobre o uso do teatro nas exposições museológicas. No começo da disciplina de TCC II, porém, percebi que este tema havia se tornado inviável. Para um bom desenvolvimento da pesquisa seria necessário que eu analisasse uma exposição que utilizasse o teatro como um de seus recursos, acompanhando o processo de desenvolvimento do roteiro, preparação dos atores, as reações do público, etc.

Os museus que constavam no projeto de pesquisa, porém, se localizavam em outro estado, e como não poderia viajar naquele momento para fazer tal análise, assim sendo o projeto se tornou inviável. Ainda durante a disciplina de TCCII, porém, surgiu a ideia para um novo tema de pesquisa e entre algumas idas e vindas decidi ficar com ele.

Durante o curso de graduação fiz um estágio no MAS/UFBA, no componente de Estágio Curricular II, que integra o quadro curricular do curso. Durante o Estágio, fiquei encantada com as histórias das peças, que eram contadas pelos guardas de acervo, ou que lia nos catálogos do Museu. Dentre estas peças uma me interessou de modo especial: a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas.

A imagem, segundo os guardas de acervo, era uma das mais antigas do Brasil e havia testemunhado diversos fatos importantes da história de Salvador, além de estar envolvida com alguns fatos curiosos. Alguns desses fatos e histórias contarei ao longo deste trabalho. Ao lembrar desta imagem, decidi que ela seria meu tema de pesquisa, e percebi que mais do que o teatro no museu, o que mais me interessava era o museu enquanto “teatro da memória” um local onde ocorre a “[...] articulação de imagens a lugares e espaços, para assegurar a rememoração”. Como bem salienta Meneses (1994, p.10).

Enquanto cursava o componente, porém, me questionava que tipo de trabalho eu poderia fazer sobre esta imagem, qual deveria ser o ângulo de abordagem da pesquisa, e onde eu poderia pesquisar mais sobre a peça. Enfim, no final da disciplina consegui delimitar um pouco mais a temática, o que me permitiu elaborar um projeto de pesquisa.

Como eu disse a princípio, percebi que uma das coisas que mais me interessava no objeto, a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, era justamente as histórias que poderiam ser contadas a partir dela e isso me interessava muito desde o início do curso, esta “poesia dos objetos”, geralmente expressa nas exposições.

Sentia, porém que algo além do que é abordado atualmente na exposição de longa duração do MAS/UFBA poderia ser revelado sobre a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas. Desta forma surgiu a ideia de contribuir, ainda que de forma mínima, para que o Museu pudesse levar o público a conhecer um pouco mais sobre a história desta peça, e através dela conhecer também a história da cidade de Salvador, já que ambas estão entrelaçadas.

Os museus preservam parte do patrimônio, da memória, das referências culturais identitárias de uma sociedade, Salvador, porém, conta com poucas instituições que trabalhem de forma mais incisiva sobre formação da cidade, sobre sua história. Apesar de contarem com peças que possam auxiliar na construção de narrativas que contem esta história poucos museus fazem tal abordagem. O único que museu que tinha tal proposta, o Museu da Cidade, que foi infelizmente fechado.

Foi também da observação deste fato que surgiu a ideia de um projeto de exposição que permitisse ao público reconhecer na Arte Sacra um documento histórico, no caso da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, como um documento sobre a história de Salvador e conhecendo melhor a história da cidade poder refletir sobre ela no presente e para o futuro. Foi este o projeto que nasceu nos últimos momentos da disciplina de TCC II, um projeto que propunha investigar melhor a história da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas e as histórias que suas histórias poderiam nos revelar e como expressar aspectos dessas histórias através de uma exposição museológica.

Já em TCC III, disciplina em que resultou este trabalho, pude investigar melhor estas histórias e fui cada vez mais percebendo o quanto ela estava ligada à história de Salvador. O trabalho foi realizado através de pesquisas em livros, artigos, entrevistas, etc. que foram me ajudando a montar alguns dos traços biográficos da imagem e sua relação com a cidade, bem como a entender, um pouco melhor, os objetivos de uma exposição museológica, como um objeto pode se tornar um documento, o e que acontece com este ao entra na cadeia operatória de um museu.

Desta forma, como resultado desta pesquisa, no primeiro capítulo são apresentadas as características do objeto e os motivos de sua intitulação. Neste capítulo também é abordado um pouco sobre como a história do objeto se envolve com fatos, como desde a fundação de Salvador até a invasão holandesa na Bahia, e as mudanças causadas pelo processo de reurbanização da cidade nos anos trinta do século XX.

Isto foi possível em primeiro lugar pela pesquisa na documentação do Museu e do depoimento do diretor do museu em um vídeo e no registro de uma entrevista. Como fonte de pesquisa também foram utilizados autores como os pesquisadores Massami e Santos (2005), que dedicaram um artigo a análise da história da imagem em Salvador; Valentin Calderón (1981) que traz informações intrínsecas e extrínsecas sobre a peça, em um livro sobre o acervo do MAS/UFBA; e Madre Mariana Morazzani Arráiz (2005), que aborda a importância da imagem, tanto para a história da Igreja católica, como para a história de Salvador. Através destes e de outros autores foi possível conhecer um pouco melhor sobre a biografia deste objeto.

Auxiliou na construção deste capítulo também a leitura de trabalhos como os do museólogo Luís Freire (2009) e da restauradora Claudia Guanais Fausto (2010), e as historiadora Edilece Couto (2004) que permitiram conhecer melhor sobre o significado da Arte Sacra na Bahia. Neste capítulo também é encontrado os resultados das pesquisas de autores como Gilberto Cotrim (2008), Fernando Peres (1994), Carlos Aberto Costa (2015), que possibilitaram o entendimento de fatos da história da Bahia que a Imagem de Nossa Senhora das Maravilhas testemunhou.

No segundo capítulo apresento um pouco sobre a Imagem de Nossa Senhora das Maravilhas como documento da cidade de Salvador, ou seja, como seu estudo pode revelar diversas informações sobre a sociedade soteropolitana do presente e do passado. Também é abordado o tratamento da Imagem como objeto de museu relatando alguns pontos sobre como ocorre a trajetória de um objeto dentro destas instituições, e as mudanças de significado que os objetos passam ao entrar nestas. Neste capítulo trago conceitos abordados por autores como Marília Xavier Cury (2005), Ulpiano Bezerra de Meneses (1998; 1983), Igor Kopytoff (2008), José Reginaldo Gonçalves (2007), que trabalham sobre o assunto.

Neste capítulo também ganha destaque o papel das exposições museológicas em revelar ao público os sentidos, os significados que os objetos ganham dentro dos museus, para isto são utilizados autores como Marcelo Cunha (2010), Marília Xavier Cury (2010) e Joseania Miranda Freitas e Marcelo Cunha (2014) que ajudam também a problematizar os aspectos necessários para e para conceber uma exposição que possa transmitir ao público as histórias da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas.

Por fim, no último capítulo é apresentado um projeto com algumas diretrizes curatoriais como sugestão para a elaboração de uma exposição temporária sobre a Imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, para que, mais tarde, de forma interdisciplinar, com a equipe do

MAS/UFBA, se assim for de interesse da Instituição, realizar uma exposição sobre o tema. Nas considerações finais é realizado um apanhado sobre o que foi discutido ao longo do desenvolvimento do trabalho dando destaque a ideia da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas como documento.

Espero ver o projeto desenvolvido em breve, mas por enquanto, convido vocês a conhecerem um pouco melhor, por aqui mesmo, um pouco mais sobre esta fascinante peça: a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas.

2. A SENHORA DAS MARAVILHAS

Segundo José Eduardo Ferreira dos Santos e Marina Massami (2005)¹, foi no ano de 1552, que depois de uma longa viagem partindo de Portugal, ancorou, nas praias da recém fundada cidade de São Salvador, uma caravela que trazia consigo uma escultura de Nossa Senhora das Maravilhas. A imagem, que fora transportada pelas mãos do primeiro bispo da cidade Don Pero de Fernandes Sardinha, era um presente do Rei João III para as novas terras do reino português.

Fabricada por um autor desconhecido, medindo 65 centímetros, a imagem possuía, segundo Santos e Massami (2005), estrutura em madeira policromada. Ainda segundo os autores, mais tarde, no século XVII, a imagem foi revestida de prata em um hábil trabalho, que apesar de nos impedir de contemplar a policromia original da peça, respeitou e seguiu as formas originais da imagem, tornando possível a preservação desta e aumentando seu valor e beleza.

A escultura representava, de acordo com a descrição dos autores, Maria, Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo, como uma jovem de cabelos louros que, de pé com os braços estendidos, segurava o Cristo ainda criança. Santos e Massami (2005) ainda descrevem que a imagem possuía um olhar fixo e terno que parecia “[...] estar contemplando a maravilha de portar o sentido da história e do mundo na presença de seu filho [...] a visão dela deveria servir como

¹José Eduardo Ferreira dos Santos é formado em Pedagogia, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Doutorando em Saúde Coletiva no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia. Marina Massami é Doutora em Psicologia, Livre Docente junto ao Departamento de Psicologia e Educação na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto, Brasil. Especialista na área de História das Idéias Psicológicas na Cultura Luso-Brasileira.

uma pedagogia do olhar da fé, assim como sua invocação seria um chamado de atenção para a realidade” (SANTOS; MASSIMI, 2005, p.118).

Segundo a historiadora Nilza Botelho Megale (2001), a intitulação de Maria, enquanto “Senhora da Maravilhas”, foi atribuída pelo fato de que:

[...] desde sua milagrosa Conceição Imaculada até sua santa morte, seguida da gloriosa Assunção, foi uma sucessão de maravilhas. Contudo a maior de todas foi a encarnação do Verbo, o Filho de Deus, que descendo dos esplendores do céu tomou a forma humana e, por um prodígio incompreensível, a tornou Mãe do Altíssimo sem cessar de ser virgem. (MEGALE, 2001, p. 298).

Segundo Santos e Massami (2005), o tema da maravilha era recorrente entre os artistas do período medieval - “[...] diante da magnificência e da positividade do universo, os autores vivenciam o sentimento dominante do ‘maravilhoso’.”. (SANTOS; MASSIMI, 2005, p.118).



Segundo Borges para Le Goff, “O maravilhoso medieval caracteriza-se pela raridade e pelo espanto que suscita, em geral admirativo”. (LE GOFF apud BORGES, 2011, p. 32) Desta forma, pode-se compreender que “Maria, por manter a originária pureza da natureza criada é, o compêndio as maravilhas da criação” (SANTOS; MASSIMI, 2005, p.119).

Além da imagem trazida ao Brasil² por Don Pero de Fernandes Sardinha, outras representações da “Mãe do Altíssimo” ao redor do mundo também foram intituladas como “Senhora das Maravilhas”. A Espanha é o local onde esta devoção é encontrada de forma mais forte.

² Figura 1 Nossa Senhora das Maravilhas, trazida de Portugal para o Brasil em 1552. Fonte: Caldas (2017).

Segundo Madre Mariana Morazzani Arráiz (2005), em Madrid há uma imagem cuja a existência está ligada à uma sucessão de fatos extraordinários. Em 1627, uma mãe ao clamar aos pés da imagem pela cura do filho ferido de morte por um caçador, obteve a graça de tê-lo são e salvo pouco tempo depois. A autora conta ainda que em 1639, atacado por conspiradores, ficou o Rei Felipe IV gravemente ferido, tendo este sido coberto com um dos mantos da imagem madrilenha de Nossa Senhora das Maravilhas, ficou instantaneamente curado, exclamado à rainha: “O que pusestes sobre mim, que me encontro inteiramente bem?” A partir de então, o culto a Nossa Senhora das Maravilhas passou a ser incentivado por D. Filipe IV no reino.

Outra imagem está localizada no município espanhol de Cehegín, no noroeste da região da Murcia. Segundo o historiador Francisco Jesús Hidalgo García (2017), desde 1730 se celebra uma festa em homenagem à Santa no município que, em 1748, passou a tê-la como patrona. Também na Espanha, na cidade de Maro, encontra-se uma Igreja que abriga a imagem da virgem com esta intitulação.

Muito antes de suas homônimas receberem tal titulação, a imagem de Nossa Senhora



Figura 1 Nossa Senhora das Maravilhas de Maro, Espanha. Fonte: La Advocación (s.d.).

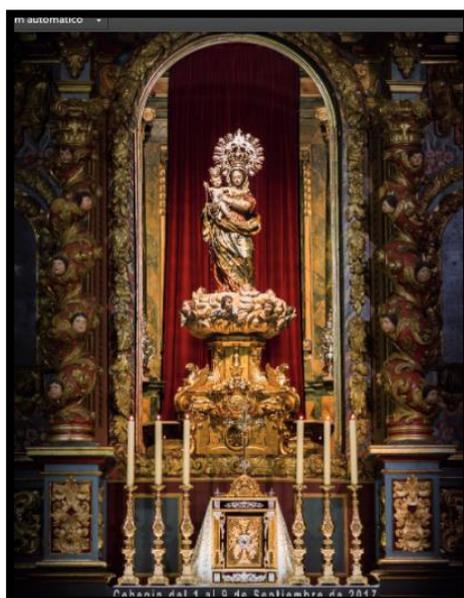


Figura 3 Nossa Senhora das Maravilhas, Cehegín, Espanha. Fonte: García (2017).



Figura 4 Nossa Senhora das Maravilhas, Madrid Espanha. Fonte: Arráiz (2005).

das Maravilhas, trazida por D. Pero Vaz Sardinha à Bahia, já misturava sua história com a história de Salvador, sendo envolvida desde nos fatos corriqueiros até os fatos extraordinários da cidade.

Apesar da origem europeia, a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas foi envolvida de tal forma com os fatos e personalidades presentes na história de Salvador que, segundo Santos e Massami (2005), se tornou “[...] uma peça de valor inestimável para o entendimento

da religiosidade e da tradição católica brasileira” (SANTOS; MASSAMI, 2005, p. 120) além de ser uma peça testemunha de importantes momentos da história da Bahia.

2.1 NOSSA SENHORA DAS MARAVILHAS NAS HISTÓRIAS DA CIDADE DE SALVADOR

Em um livro escrito em 2014, o britânico Neil MacGregor, diretor do *British Museum*, se propõe a contar a história da humanidade através de 100 objetos. Segundo o escritor, esta foi “[...] uma tentativa inédita de contar a história do mundo, decifrando as mensagens transmitidas por objetos [...] mensagens sobre lugares e populações, ambientes e interações, sobre diferentes momentos na história e sobre nossa própria época quando refletimos sobre ela”. (MACGREGOR, 2014, p.15).

Ainda segundo o autor, os sinais transmitidos pelos objetos, quando decifrados, podem nos revelar aspectos sobre o modo de vida de sociedades inteiras, sobre o mundo que os criou, assim como “[...] sobre os períodos posteriores que os transformaram e os mudaram de lugar, às vezes adquirindo significados muito além da intenção original de quem os produziu”. (MACGREGOR, 2014, p.15).

Ao analisarmos a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, trazida há séculos pelo bispo Sardinha às terras brasileiras, tentando decifrar seus sinais, os motivos de suas marcas, os lugares por onde ela passou, o porquê ela foi produzida, podemos ver que está também pode contar histórias sobre a sociedade que a criou e sobre aqueles que a recriaram ao longo do tempo.

Analisando a escultura, talvez pudéssemos contar a história do mundo, ficaremos, porém, apenas com uma parte destas histórias, as histórias que ela pode nos contar sobre a cidade de Salvador, local que a abrigou por séculos e onde permanece até hoje esperando pelos que querem decifrar as histórias que ela pode contar.

2.1.1 Nossa Senhora das Maravilhas e a fundação de Salvador

O primeiro fato sobre o qual a história da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas pode revelar em relação à Salvador é sobre a própria formação da cidade. Em 1552, Salvador estava ainda no início do processo de formação, quando D. Pero Fernandes Sardinha aportou, juntamente com a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, na Baía de Todos os Santos.

Salvador começou a ser construída a partir das ordens do Rei D. João III de Portugal, que, através de um regimento escrito em 1548, ordenava ao português Tomé de Souza a criação de “[...] uma fortaleza e povoação grande e forte, em um lugar conveniente, para daí se dar favor e ajuda às outras povoações e se ministrar justiça.” (Regimento, 1548, p.1).

O Rei pretendia, portanto, criar um lugar que pudesse servir como a sede do governo do extenso território da colônia e que ao mesmo tempo servisse também para a sua defesa. Vendo na região onde seria a futura capital baiana as condições ideais para exercer tal função o Rei, então ordenou a Tomé de Souza a criação de uma povoação no local:

[...] por ser informado que a Bahia de todos os Santos é o lugar mais conveniente da costa do Brasil para se poder fazer a dita povoação e assento, assim pela disposição do porto e rios que nela entram, como pela bondade, abastança e saúde da terra, e por outros respetos, hei por meu serviço que na dita Bahia se faça a dita povoação e assento. (Regimento, 1548, p.1).

Em 1549, Tomé de Souza chegou a Salvador e começou a pôr em prática as ordens do Rei na criação da povoação. Foi somente, em 1551 que foi criada a diocese de Salvador através da bula *Super specula militantis ecclesiae*, quando a povoação passou ser reconhecida efetivamente como cidade.

Decoramos a povoação com o nome e a dignidade de cidade [...] e os seus moradores e habitantes com o de cidadãos concedemos e designamos a dita Igreja assim ereta, a povoação de Salvador como cidade; os termos e territórios, as fortalezas, vilas e lugares cinquenta léguas em longitude ao longo do mar e vinte em altitude perto da povoação como diocese. (Bula, 1551, p. 23).

A bula *Super specula militantis ecclesiae*, também nomeava D. Pero Fernandes Sardinha como bispo da diocese. Sardinha chegou ao Brasil em 1552, trazendo consigo a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas. A escultura, desta forma, foi testemunha da criação de uma da primeira diocese do Brasil e de um importante passo para a formação de Salvador.

Havia uma forte ligação entre Igreja e Estado. Neste período Portugal vivia sobre o regime do padroado³, portanto o reconhecimento de Salvador como cidade pela Igreja era de certa forma também o reconhecimento do Estado e a presença de uma diocese, ou seja, da Igreja era fundamental para a criação de uma cidade.

Segundo a historiadora Suzana Leandro de Melo, “[...] direitos e deveres da Igreja colonial aparecem sempre ligados à autoridade da Coroa.” (MELO, 2010, p. 18). Um exemplo desta relação é que cabia, por exemplo, ao Rei João III “[...] por mercê do Papado, [...] o dever de organizar a vida eclesiástica do Brasil, zelar pelo seu bom funcionamento e pela manutenção da cristandade dos seus súditos.” (MELO, 2010, p. 17) já que este havia sido nomeado em 1522, pelo Papa Adriano, padroeiro e administrador da Ordem de Cristo.

Na criação de Salvador esta ligação entre Igreja e Estado também se manifestou. O próprio regimento escrito por D. João III a Tomé de Souza, com orientações sobre a criação de Salvador evidencia isto. Neste documento o rei João III enfatizou que o principal motivo que lhe levou a povoar as “[...] ditas terras do Brasil foi para que a gente dela se convertesse à nossa santa fé católica [...]” (Regimento, 1548, p. 4).

Desta forma podemos concluir que o presente de uma imagem de um santo católico, Nossa Senhora das Maravilhas, para as terras brasileiras estava ligado aos objetivos e responsabilidades do Rei para com o Brasil, no sentido de fortalecer a fé católica no país.

A restauradora e historiadora da arte Cláudia Maria Guanais Aguiar Fausto (2010) conta que segundo o museólogo e historiador da arte Luiz Alberto Freire, desde o cristianismo primitivo a Igreja já utilizava imagens como forma de transmitir a fé. Também na idade média as imagens foram utilizadas para comunicar a fé cristã à população de maioria analfabeta.

Também sobre o uso de imagens para tal função Fausto (2010) escreve que “[...] não podendo [população analfabeta] ler o texto escrito, utilizam as esculturas e pinturas como se fossem livros para se instruir dos mistérios da fé”. (FAUSTO, 2010, p. 35 - grifos da autora).

Desta forma, no Brasil, os portugueses também se valeram da tradição da utilização das imagens para propagar e firmar a fé católica nas terras recém conquistadas. Fausto (2010) conta

³ O Padroado “consistia numa combinação de direitos e privilégios concedidos à Coroa como patrona das missões e instituições eclesiásticas das colônias. Sendo responsável pela construção e manutenção de Igrejas e capelas, as Coras Ibéricas recebiam em troca o direito de ‘proporem bispos para as sés colônias Vagas (ou recentemente fundadas), de corarem dízimos e administrarem alguns tipos de impostos eclesiásticos ‘ (BOXER, s.d.: 288)” (TORRÃO FILHO, 2007, p.180).

que o monge beneditino Dom Clemente da Silva Nigra escreve que Pedro Álvares Cabral já trazia consigo uma Imagem de Nossa Senhora da Boa Esperança em 1500:

Essa Nossa Senhora da Boa Esperança, por conseguinte, deve ser considerada o protótipo de todas as imagens que durante três séculos se iriam transferir de Portugal para o Brasil, seja diretamente, seja indiretamente, pela vinda de mestres, que por sua vez iam ensinar a arte portuguesa de modelar e esculpir a brasileiros: brancos, pretos e mulatos (NIGRA, *apud*, FAUSTO, 2010, p.16).

A historiadora Edilece Souza Couto (2004) escreve que ao vir ao Brasil em 1549 para a fundação de Salvador, Tomé de Souza teria trazido consigo de Portugal uma imagem de Nossa Senhora da Ajuda e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Esta segunda imagem é descrita por Frei Agostinho de Santa Maria⁴:

É esta Santíssima Imagem de perfeitíssima escultura, e ricamente estofada; tem de alto menos de cinco palmos; está colocada no meio do retábulo, que é de excelente talha moderna, e ricamente dourado; veste sobre um trono de Serafins, e com a lua debaixo dos pés, e com as mãos levantadas. (SANTA MARIA *apud* COUTO, 2004, p. 108).

As primeiras imagens de arte sacra cristã vieram, portanto, ao Brasil de Lisboa nas caravelas. Dentre estas imagens destacam-se a Imagem de Nossa Senhora da Boa Esperança, em 1500, as imagens de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Ajuda, em 1549, e a já citada imagem de Nossa Senhora das Maravilhas em 1552.

Dentre estas imagens, segundo Fausto (2010) poucas sobrevieram por conta “[...] do estágio incipiente do povoamento, das reposições posteriores de imagens mais antigas danificadas pelo tempo, e pela tradição do culto católico que determinava que as imagens fossem enterradas em local sagrado.” (FAUSTO, 2010, p. 37). Dentre as poucas imagens sobreviventes deste período está a imagem de Nossa Senhora da Maravilhas.

2.1.2 Nossa Senhora das Maravilhas e o Padre Antônio Vieira

Durante muitos anos, o colégio dos Jesuítas, foi o único colégio da cidade de Salvador e foi nele, que segundo a psicopedagoga Clélia Argolo Estill (2006), o escrivão português Cristóvam Ravasco quando chegou com sua família ao Brasil por volta de 1614, matriculou seu filho, o jovem português Antônio Vieira. Ali a o menino foi alfabetizado.

Segundo Estill (2006) conta a tradição que Vieira tinha dificuldades nos estudos, porém mesmo com problemas nos estudos o jovem Vieira nutria a esperança de ser padre. Conta-se

⁴Frei Agostinha de Santa Maria foi vigário geral dos agostinianos descalços de São Agostinho de Portugal

que aos quinze anos de idade fugiu de casa e foi procurar abrigo no colégio dos Jesuítas, onde foi bem recebido para o noviciado.

Segundo Estill (2006), o primeiro biógrafo de Vieira, J. Lúcio Azevedo, contava que era um hábito no colégio onde Vieira estudava que os estudantes passassem pelos sete altares dedicados à Virgem Maria, na Igreja da Sé, dentre os quais estava o altar dedicado à Nossa Senhora das Maravilhas, e lá fizessem suas preces, com Vieira não era diferente

Santos e Massami (2015), contam que Antônio Vieira, talvez se fiando na “[...] afirmação aristotélica de que a maravilha é a origem de todo conhecimento, e invocar o nome de Nossa Senhora sob este orago constituía-se numa pedagogia de abertura ao real, à beleza das coisas e ao seu entendimento.” (SANTOS; MASSIMI, 2005, p. 1180), resolveu rezar diante da Imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, pedindo que esta intercedesse para que lhe fosse aberta a inteligência para os estudos.

Segundo a Madre Mariana Morazzani Arráiz (2005), conta a tradição enquanto contemplava a imagem da Santa, Vieira teria sentido uma forte dor de cabeça, que era como estalo. Ao se recuperar da dor o futuro padre teria percebido que as coisas que antes lhes pareciam obscuras agora lhe eram claras.

Conta-se ainda que ao chegar no colégio Vieira pediu para disputar em debates com amigos e para a surpresa de todos venceu todos eles se tornando mais tarde um dos mais brilhantes oradores sacros e escritores de língua portuguesa, marcando a história da cidade com seus diversos sermões.

A partir deste episódio, contado pela tradição popular, protagonizado por Vieira e Nossa Senhora das Maravilhas é possível entender um pouco sobre a educação na Bahia, especialmente no período colonial. Vieira e seus colegas, assim como a maior parte da população da época, tinha o hábito de rezar diante da imagem de Santos, por que a educação assim como cotidiano das pessoas contava com a forte presença da Igreja católica.

A criação das primeiras escolas do Brasil, por exemplo, foi uma iniciativa da Companhia de Jesus, “[...] ordem religiosa da Igreja Católica, fundada na Europa em 1540 por Inácio de Loyola formada por padres designados de jesuítas, que tinham como missão catequizar e evangelizar as pessoas, pregando o nome de Jesus.” (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008, p. 173).

Ainda segundo os autores, “[...] com a descoberta pelos portugueses e espanhóis das terras da América, seu projeto [dos jesuítas] foi ampliado e levado para as novas terras, a fim de pregar a palavra de Deus entre os índios.” (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008, p. 173 -

grifos do autor). Dentre os métodos empregados pelos jesuítas para cumprir seus objetivos de catequização estava a educação acadêmica, o que levou a ordem à criação de colégios para meninos.

Em 1549, segundo Shigunov Neto e Maciel (2008), chegou em Salvador juntamente com Tomé de Souza, um grupo de jesuítas liderado pelo Padre Manoel da Nobrega estes criaram a primeira escola de ler e escrever da Bahia. Em 1551, chegou à Salvador um outro grupo de jesuítas, trazendo consigo meninos órfãos de Lisboa que, juntamente com os meninos indígenas foram alguns dos primeiros alunos do Colégio dos Meninos de Jesus, onde Vieira estudou, mais tarde tornando-se um membro da ordem dos jesuítas, e onde também diversas personalidades da cultura baiana foram educadas.

No colégio, além da educação espiritual e religiosa os alunos tinham uma educação científica, já que segundo conta Fernanda Santos, citando Lowney “[...] um dos principais objetivos dos inacianos⁵, era manter-se na vanguarda da ciência e da erudição, proporcionando uma saída acadêmica para as descobertas científicas, geográficas e culturais [...]” (SANTOS, 2011, p. 1).

A pedagogia jesuítica foi, portanto, muito importante no desenvolvimento intelectual de Antônio Vieira, que teve como fruto uma vasta produção que incluía sermões, poemas e relatos, dentre os quais estão os que narrou aos 17 anos os fatos ocorridos na invasão holandesa na Bahia, episódio no qual, mais uma vez, encontramos a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas como testemunha dos fatos.

⁵ Os jesuítas também são chamados de inacianos em referência ao fundador da ordem, Frei Inácio de Loyola.

2.1.3 A Imagem de Nossa Senhora das Maravilhas e a Invasão Holandesa na Bahia

Era já nesse tempo alta noite quando, de improviso, se ouviu por toda a cidade (sem se saber donde teve princípio) uma voz: já entraram os inimigos, já entraram, os inimigos já entraram e, como no meio deste sobressalto viessem outros dizendo que já vinham por tal e tal porta, e acaso pela mesma se recolhesse neste tempo uma bandeira nossa com mechas caladas, como o medo é mui crédulo, verificou-se esta temeridade; e assim, pelejando a noite pela parte contrária, ninguém se conhecia, fugiam uns dos outros, e quantos cada um via tantos holandeses se lhe representavam (VIEIRA apud BEHRENS, 2013, p. 14).

Foi assim que em 1624, o jovem Antônio Vieira, que em 1634 seria ordenado padre, narrou a chegada dos holandeses durante a invasão à Bahia. Em outros relatos este narra de forma ainda mais dramática a reação da população de Salvador ao ataque holandês: “Não se ouviam por entre os matos senão ais sentidos e gemidos lastimosos das mulheres que iam fugindo; as crianças choravam pelas mães, elas pelos maridos, e todos e todos, segundo a fortuna de cada um, lamentavam sua sorte miserável.” (VIEIRA apud BEHRENS, 2013, p. 15).

Segundo o historiador Gilberto Cotrim (2008), pretendendo tomar Salvador como uma de suas colônias e desta forma manter o controle sobre os negócios lucrativos do açúcar e do tráfico de escravos, os holandeses invadiram e dominaram a cidade em 1624.

Vieira foi um dos maiores relatores dos acontecimentos ocorridos durante esta invasão do início ao fim dos conflitos podemos encontrar narrações detalhadas feitas pelo escritor que testemunhou grande parte dos fatos.

Uma outra testemunha, que acompanhou bem de perto alguns destes acontecimentos e que está presente até hoje entre nós, também poderia contar, se soubermos questioná-la, os acontecimentos ocorridos durante a invasão esta “testemunha” é a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas.

Segundo Costa (2015), durante a invasão holandesa a cidade sofreu vários saques. Nem a Igreja da Sé foi poupada dos ataques, além de também ter sido saqueada esta foi tomada para fins militares, chegando até mesmo a ser bombardeada.

A imagem, que estava na Igreja da Sé, foi uma das únicas peças que sobreviveram aos saques realizados pelos holandeses nas igrejas da cidade, sendo um dos registros materiais dessa época.

Segundo Calderón (1981), a imagem foi salva pelo Bispo Dom Marcos Teixeira, que a retirou da Igreja da Sé, e a levou consigo quando este fugia para a Vila de Espírito Santo de Abrantes, vila fundada ainda como aldeamento jesuítico em 1558. No período da invasão Holandesa a Vila serviu como centro de resistência e sede do governo da Bahia. (CAMAÇARI, 2005).

Os holandeses não conseguiram permanecer por muito tempo na Bahia, pois encontraram grande resistência na cidade. Segundo Cotrim:

[...] utilizando de táticas de guerrilha e contando com reforço de tropas espanholas e guerreiros indígenas, as forças luso brasileiras impediram a ocupação do território pelos invasores que se renderam um ano depois. (COTRIM, 2008, p. 259).

Após a última batalha ainda houve uma tentativa de recuperação dos holandeses que pediram reforços, “[...] pois pouco depois de restaurada a capital colonial, a frota de socorro holandesa chegou à Bahia, porém já era tarde demais, só lhes restou, bater em retirada” (VIEIRA apud BEHRENS, 2013, p. 157) - assim descreve Vieira que narrou em vários momentos da Invasão Holandesa, com a sabedoria que, segundo conta a tradição, teria sido adquirida por conta do milagre realizada pela interseção da Senhora das Maravilhas.

Quanto à imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, segundo o Arqueólogo Valentin Calderón (1981), após ter sido testemunha desta invasão, da fuga dos soteropolitanos para as regiões próximas à Salvador e de alguns dos movimentos de resistência organizados na Vila, que havia sido provisoriamente nomeada como centro do governo, voltou a ser venerada em uma das capelas da Igreja da Sé na primeira capital do país.

2.1.4 A Imagem de Nossa Senhora das Maravilhas e Passagens da Literatura Colonial na Bahia

A imagem de Nossa Senhora das Maravilhas também deixou marcas na literatura da Bahia colonial. Através do estudo de algumas das histórias na qual ela está envolvida também é possível compreender alguns dos aspectos da produção literária na Bahia no século XVI.

Sua primeira marca como já vimos foi na vida do Padre Antônio Vieira que, segundo a tradição, ao rezar diante da imagem da santa teve o “estalo” de inteligência que lhe permitiu ser um dos maiores escritores da língua portuguesa, tendo se destacado como um dos maiores nomes da literatura barroca

Segundo Francisco S. Borba, no Dicionário Unesp do Português Contemporâneo, o barroco é um “[...] estilo arquitetônico, literário e musical que predominou no século XVII, caracterizado pela irregularidade e pelo exagero, e que se manifestou no Brasil no século XVIII”. Marinho complementa esta definição afirmando que “[...] os escritores desse período usaram os artifícios da linguagem figurada, tais como: antíteses, metáforas, sinestésias e hipérboles.” (MARINHO, apud, LINHARES, 2007, p. 66).

Este estilo de escrita foi herdado de Portugal para o Brasil tendo Vieira sido um dos seus maiores representantes, com seus sermões conceptistas, em que utiliza de elementos típicos do barroco como a temática religiosa, o uso de retórica, metáforas e ironia. Devoto de Nossa Senhora, Vieira sempre exaltava em seus sermões recheados de metáforas a ela:

Era a prodigiosa Menina que hoje nasce, e o fim – e fins altíssimos – para que nasceu. Nasce (ide agora lembrando-vos, ou desenrolando as figuras) para ser Arca de Noé, em que o gênero humano afogado no dilúvio se reparasse do naufrágio universal do mundo. [...]. Nasce como Vara de Moisés, para ser o instrumento de todas as maravilhas de Deus [...]. (VIEIRA, 1692. p. 158).

Na literatura de Portugal, nação da qual os brasileiros herdaram o estilo barroco, também encontramos homenagens à Nossa Senhora, sob esta intitulação. Soror Violante do Ceo, importante nome da literatura barroca portuguesa, dedicou um soneto à santa, como de mostra a imagem abaixo:

A nossa Senhora das Maravilhas.
SONETO XXXIII.
O Tu de Maravilhas superiores
Compendio singular, cifra divina,
Do artifice mayor obra mais dina,
Bellissimo exemplar de excelsas flores!
Maravilha mayor entre as mayores,
Gloria da Magestade Unica, e Trina,
Norte celestial, luz matutina,
Epitogo de eternos replandores!
Flor, que aos mesmos Anjos maravilhas,
Applaudate a harmonia mais sonora,
Vendo, que só a Deos teu ser humilhas.
E diga Ceo, e Terra (oh bella Aurora)
Quem quizer ver de Deos as maravilhas,
Veja das Maravilhas a Senhora.

Figura 5 - Poema de Soror Violante. Fonte: Soror (1733)

Além do estilo barroco da literatura portuguesa, o Brasil também herdou a literatura dedicada aos santos católicos, como Nossa Senhora das Maravilhas. Além do Padre Antônio Vieira outros personagens da literatura barroca baiana também tiveram suas vidas marcadas

pela imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, explorando fatos ocorridos com a imagem em suas obras literárias.

Gregório de Matos foi um desses personagens. Matos foi um dos maiores poetas baianos, e assim como Vieira estudou no Colégio dos Jesuítas. Também chamado de “boca do inferno”, pela crítica ácida que fazia à sociedade colonial através de seus poemas, o poeta “[...] militou por todos os setores da poesia: na sátira, na lírica profana e religiosa, na encomiástica, explorando também todos os recantos da versificação.” (SPINA, apud SILVA, 2007, p. 162) Ainda segundo Segismundo Spina “Em Gregório, mais do que nos outros setores de sua poesia, é na poesia religiosa que o poeta se encontra face a face com os problemas da vida interior.” (SPINA, apud SILVA, 2007, p. 164).

É na poesia religiosa de Matos que encontramos a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas. Um incidente com a imagem foi tema de inspiração para o poeta desenvolver dois de seus poemas. Se olharmos bem de perto a escultura hoje veremos que a imagem do menino Jesus que Nossa Senhora carrega possui marcas. Ao nos questionarmos o porquê destas marcas podemos entender o que levou Gregório de Matos a escrever sobre ela e a entender um pouco sobre o estilo de literatura produzido no Brasil colonial.

Santos e Massami (2005) narram que uma das partes que compõe a imagem, o Menino Jesus, que Nossa Senhora tem nas mãos, foi roubada e quebrada e tendo os fragmentos sido espalhados pela cidade. Aos poucos a imagem teve suas partes resgatas. Um dos fatos curiosos relacionado a esta história é em relação ao braço da imagem do menino Jesus que segundo a mestre em letras Andréia Batista Lins (2008) teria sido encontrado por pescadores em um rio. O episódio virou notícia e acabou explorado em poemas de Gregório de Matos “Ao braço do mesmo Menino Jesus quando apareceu” e “O menino Jesus de n. Senhora das Maravilhas, a quem Infiéis despedaçaram achando-se a parte do peyto”. O poeta usa um rico jogo de palavras para tratar o tema:

Ao braço do mesmo Menino Jesus quando apareceu

O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,

Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo.

Em todo o Sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo em toda a parte,
Em qualquer parte sempre fica o todo.

O braço de Jesus não seja parte,
Pois que feito Jesus em partes todo,
Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,
Um braço, que lhe acharam, sendo parte,
Nos disse as partes todas deste todo.

**Ao Menino Jesus de N. Senhora das Maravilhas,
a quem infieis despedaçaram achando-se a parte do peyto.**

Entre as partes do todo a melhor parte
Foi a parte, em que Deus pôs o amor todo
Se na parte do peito o quis pôr todo,
O peito foi do todo a melhor parte

Parta-se pois de Deus o corpo em parte,
Que a parte, em que Deus fiou o amor todo
Por mais partes, que façam deste todo,
De todo fica intacta essa só parte.

O peito já foi parte entre as do todo,
Que tudo mais rasgaram parte a parte;
Hoje partem-se as partes deste todo:

Sem que do peito todo rasguem parte,
Que lá quis dar por partes o amor todo,
E agora o quis dar todo nesta parte.

Outro personagem do barroco brasileiro que também explorou este fato em sua obra literária foi o jesuíta Antônio de Sá. Segundo Silva (2005) Antônio de Sá nasceu no Rio de Janeiro onde estudou no colégio dos jesuítas tendo ingressado na ordem em 1641. Sá morou em diversas regiões do Brasil, sua obra literária é marcada por vários sermões escritos no Brasil e em Portugal.

O roubo e quebra de uma das partes da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas também marcaram a obra, levando-o a escrever o “Sermão de Nossa Senhora das Maravilhas, pregado na Sé da Bahia no ano de 1660, na ocasião do desacato que se fez à mesma Senhora e

a seu amado Filho”. No sermão Sá da “voz” à imagem, supondo como a Senhora representada nela se sentiria diante do fato:

Deos, e Filho meu, dizia a Senhora, vós em pedaços e eu com mãos? Como se compadece isto com meu amor? (...) que se o amor que me tendes, não permite aggravos, o amor, que vos tenho, não consente que sejais só nos aggravos (...) Vós em pedaços fora das minhas mãos, e eu com mãos sem estarem em pedaços? (SÁ, apud, SANTOS; MASSAMI, 2005, p. 124).

Em outros trechos o escritor deixa claro seu desagrado diante do fato comparando mais uma vez, o corpo da imagem e corpo do representado ele afirma que “[...] em Jerusalem era o morto hum Deos já homem, e a grandeza do corpo fazia possível a temeridade da injuria: na Bahia he o despedaçado hum Deos Minino, e a ternura dos membros faz incrível a atrocidade do feito” (SÁ, apud, SANTOS; MASSAMI, 2005, p. 124).

Ainda em outros trechos ele deixa sua opinião sobre o fato:

[...] e aquella Virgem da Bahia não fora fonte perenne de maravilhas, poderá ser que não fosse tão desprezada aquella imagem”: “e como isto assim seja, não há que suspeitar servio este aggravo de diminuir o título das Maravilhas, antes à vista do excesso delle, se manifesta melhor o excesso dellas” (SÁ, apud, SANTOS; MASSAMI, 2005, p. 123).

Ainda sobre o episódio, Santos e Massami (2005) escrevem que a última parte que compunha a imagem quebrada, uma perna do menino Jesus, foi encontrada por uma mulher que buscava lenha. Ao ser lançada ao fogo junto com a lenha, a peça saltou para fora das chamas, a mulher percebendo do que se tratava, levou então a peça de volta a Igreja da Sé restituindo-a e voltando a fazer parte da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas. O episódio foi desta maneira narrado também por Frei Agostinho da Piedade (PIEIDADE apud SANTOS; MASSAMI, 2005, p. 120):

Tão grande foy a crueldade daquele diabolico, & sacrilego agressor, que dividio aquella Divino corpo da sagrada Imagem em muytas partes as quaes foraõ achadas em lugares imundos daquela mesma Cidade. Huma negra buscando lenha para o fogo, achou huma Pernazinha daquelle sagrado vulto, & não sabendo o que fosse a meteo no fogo. Caso maravilhoso! Do fogo saltou fora com admiração, & pasmo da mesma negra; qual a foy logo restituir à mesma Sé (porque reconhecendo depois o que aquillo era, achou ser parte daquelle sagrado corpo da Imagem de Deos menino) aonde já estavaõ as mais partes, que por diversos modoshaviaõ sido achadas, & só faltava esta. E todas mysteriosa, & miraculosamente se haviaõ descoberto. Depois se uniraõ, & se mandou novamente encarnar esta Santissima Imagem, com toda a perfeição, & a collocaraõ em os braços de sua

Santissima Mãe, a Senhora das Maravilhas. E de então
(sic) até o presente tem as mulheres daquela Cidade
muyto grande devoção com aquelle Senhor menino, &
assim o adornaõ rica, & custosamente ⁶

Através do estudo, seja das características intrínsecas à peça, como por exemplo as marcas de rachaduras nela presente, seja nas características extrínsecas como através do estudo das histórias que compõem sua biografia, como a história do “estalo” de Vieira, pode-se chegar a compreender mais sobre aspectos das sociedades que interagiram com ela, que a alteram, seja fisicamente, seja no seu significado. Ao refletir sobre estas histórias relacionadas à Nossa Senhora das Maravilhas, por exemplo, podemos compreender um pouco mais sobre a mentalidade na Bahia colonial e como está se refletiu na literatura.

Como no poema de Gregório de Matos pode-se, a partir de uma das partes, compreendermos o todo, ou ao menos alguns aspectos deste todo. A partir de uma das partes da imagem podemos compreender aspectos da história não só da própria imagem, mas de alguns aspectos do todo do contexto histórico ao qual ela pertence, ao montar as partes da imagem acabamos também montando algumas partes do quebra cabeça da história de Salvador.

2.1.5 Nossa Senhora das Maravilhas e a Igreja da Sé de Salvador

Quando o Bispo Sardinha chegou a Salvador em 1552 trazendo a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas este trouxe consigo também a intenção de ordenar a construção de uma Igreja Sé para Salvador, igreja onde mais tarde a imagem seria entronizada e de onde testemunharia, durante séculos, o desenvolvimento da cidade.

Quando a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas aportou em Salvador, no século XVI, a cidade contava com poucas Igrejas, dentre as quais estava a Igreja da Ajuda construída pelos Jesuítas em 1549, e da Conceição da Praia, que assim como a maioria das construções do período, possuía uma estrutura simples em taipa e palha como salienta Couto (2004).

Segundo o historiador Fernando da Rocha Peres (1974), foi provavelmente em 1552, pouco tempo depois da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas chegar com o bispo Sardinha que se iniciou a construção da Igreja da Sé, que seria a sede da nova diocese. A igreja foi construída em pedra e cal sendo um dos primeiros edifícios da cidade construído com matérias construtivas mais duráveis. Desta forma pode-se dizer que a imagem foi um personagem

⁶ Os autores mantiveram a grafia original

“testemunha” do nascimento e do desenvolvimento, tanto do catolicismo, como do desenvolvimento urbano e arquitetônico na cidade de Salvador.

Ao entorno da igreja que abrigava a imagem foi se formando a freguesia da Sé, segundo a arquiteta Renata Pinto, considerada o núcleo antigo da cidade “[...] os principais edifícios públicos e religiosos instalam-se na Freguesia da Sé, tornando-a importante dentro do contexto da cidade, principalmente pelas decisões.” (PINTO, 2003, p. 30). Desta forma foi surgindo a cidade de Salvador.

Ainda segundo a autora, ao longo do tempo a freguesia foi se modificando e Salvador crescendo como cidade deixando a Freguesia da Sé de ser o principal núcleo da cidade:

Em meados do século XIX, a Freguesia da Sé é alterada, consequência direta da saída, do centro, das famílias mais abastadas, em procura de outra área na cidade para morar, ampliando não apenas os limites da cidade, mas também favorecendo o empobrecimento daquele entorno, que passa a abrigar uma população de níveis econômicos inferiores. Seus imponentes casarões não mais abrigam uma nobre e única família, mas sim, diversas famílias. (PINTO, 2003, p. 31).

Desta forma segundo a autora, mesmo ainda abrigando prédios de importantes funções administrativas a Freguesia da Sé foi se degradando “[...] sendo considerada como um retrato fiel da cidade que deveria mudar. Mudança que parecia inevitável, a partir das ideias de cidade moderna, trazidas com a chegada do século XX”. (PINTO, 2003, p. 31).

Ainda no início do século Salvador começa a passar por grandes mudanças em sua paisagem, muitas dessas mudanças passaram a ocorrer segundo Brito Mello e Matta (2017), durante o governo do político Jose Joaquim Seabra, que foi governador da Bahia durante 1912 e 1916 e depois entre 1924 e 1924. Inspirado nas ideias europeias de desenvolvimento urbano, o governador Seabra aplicou em Salvador um plano urbanístico que pretendia “trazer o embelezamento da cidade e a instalação do progresso a qualquer custo, mesmo que fosse preciso derrubar monumentos edifícios que faziam parte do patrimônio histórico da cidade.” (BRITO, MELLO E MATTA, 2017, p. 4).

Em 1933 ainda seguindo esta filosofia o plano de reurbanização da cidade de Salvador, que previa o alargamento das ruas, a instalação de uma linha de bonde e mais espaço para os veículos automotores que começavam a dominar a cidade, levou à demolição da Igreja da Sé morada secular, da Imagem de Nossa Senhora das Maravilhas na qual testemunhava e participava do dia a dia dos baianos. Desta forma mais uma vez vemos a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas como testemunha de grandes transformações na urbanização de

Salvador. A imagem tornou-se uma personagem daquela que foi a primeira Sé do Brasil, de suas histórias e das mudanças na mentalidade e espaço físico da cidade.

A demolição da Sé, porém, não ocorreu sem protestos, muitas personalidades da sociedade baiana do período demonstravam sua insatisfação com a decisão da demolição devido ao rico acervo de arte sacra que esta abrigava. Segundo Peres (1974), o historiador baiano Pedro Calmon, já demonstrava sua preocupação com o que ele chamava de “suposto progresso [...] que feria o passado de nossa amada terra” (PERES, 1974. p. 155) em uma carta ainda expressa sua preocupação sobre o que aconteceria com os objetos de arte da Sé “[...] e as relíquias de boa lavra e boa história para onde vae e quem vai?” (PERES, 1974. p. 155) - questionava. Segundo o autor esta situação inquietava também muitas pessoas que reconheciam o valor artístico das obras.

O político e professor baiano Wanderley de Pinho, segundo Peres (1974) também aconselhava medidas para a preservação da memória da Sé, mais tarde até mesmo a existência de um museu foi pensada o que demonstra a já reconhecida importância histórica e artística do acervo da Igreja da Sé, no qual a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas está incluído, como patrimônio de grande significado na história da Bahia.

Peres (1974) conta que na época diversas sugestões foram dadas inclusive pela imprensa para as autoridades eclesiásticas sobre possíveis destinos para o acervo. Inicialmente a intenção da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Sé era doar o acervo para a Santa Casa da Misericórdia, este, porém, ficou sob a tutela da Arquidiocese de Salvador. Durante um tempo algumas das peças foram guardadas no antigo Fórum da Palma, outras foram para a atual Catedral, antiga sede do Colégio dos Jesuítas.

Assim ao longo dos anos, desde a colônia até o século XX, da Igreja da Sé a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas pôde “testemunhar” a construção de Salvador e as mudanças arquitetônicas da cidade. Poucos objetos de cultura material sobreviveram tanto tempo e puderam testemunhar tantos fatos e podem nos “contar” tantas histórias.

3. A IMAGEM COMO DOCUMENTO DA CIDADE – ENTENDENDO O PASSADO PARA COMPREENDER O PRESENTE

Segundo Ulpiano Bezerra de Meneses (1998), um documento pode ser definido como um suporte de informações. Para o autor existe “[...] uma categoria específica de objetos que são documentos de nascença, que são projetados para registrar informação” (MENESES, 1998, p. 95) como os livros, e os registros de nascimento, por exemplo. Porém, há também, objetos que não foram concebidos para serem documentos mas acabaram ao longo de sua existência assumindo tal função, este é o caso, por exemplo, da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas. Vamos buscar entender o porquê.

Ainda segundo o autor, qualquer objeto pode se tornar um documento. A função documental de um objeto seria definida a partir do momento em que o pesquisador estivesse disposto a extrair informações deste, ou seja, que formulasse questionamentos a partir deste, desta forma “[...] mesmo o documento de nascença [poderia] fornecer informações jamais previstas em sua programação” (MENESES, 1998, p. 95 - grifo meu). Seguindo a mesma linha de pensamento o museólogo e professor Mário Chagas afirma que:

[...] um documento se constitui no momento em que sobre ele lançamos o nosso olhar interrogativo no momento em que perguntamos o nome do objeto, de que matéria prima é constituído, quando e onde foi feito, qual o seu autor, de que tema trata, qual a sua função, em que contexto social, político, econômico e cultural foi produzido e utilizado, que relação manteve com determinados atores e conjunturas históricas etc. (CHAGAS, 1994, p. 35).

Ao lançarmos estas perguntas sobre o objeto estaríamos construindo aquilo que corresponderia ao que Meneses chama de “biografia do objeto”, ou seja, a trajetória do objeto dentro de uma ou mais sociedades ao longo do tempo. Não se trata, segundo Meneses, de “[...] recompor um cenário material, mas de entender os artefatos na interação social” [...] examiná-los 'em situação', nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que foram parte” (MENESES, 1998, p. 92), a partir deste momento, portanto, os objetos passam a ser um documento um suporte de informações sobre as formas de interação social, e sobre os fatos ocorridos nas sociedades pelas quais ele passou.

A partir do momento em que lançamos perguntas sobre a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, sobre como, por exemplo, o por que ela foi feita, por que ela veio ao Brasil, onde ela estava antes vir ao Brasil, a tornamos um documento, um suporte de informações não só sobre ela mesma, mas sobre os momentos históricos pelos quais ela passou.

Estudar aspectos da história de imagens de arte sacra cristã como a de Nossa Senhora das Maravilhas pode se tornar, portanto uma forma de descobrir aspectos de como foram se construindo elementos da mentalidade de práticas da sociedade. Segundo Santos e Massami:

Em síntese, a função da imagem sacra pode ser determinada pela recolocação do problema da memória do povo baiano ou mesmo da historicidade do catolicismo em terras brasileiras. Memória como experiência vivida e como pertencimento a uma história múltipla e mais completa, com todos os seus desdobramentos sociais, psicológicos e religiosos existentes, principalmente porque indica, ao longo da história vivida, a presença de uma pedagogia característica de um tempo preciso. A imagem de Nossa Senhora das Maravilhas expressa uma parte desse modo religioso de relacionamento com a realidade, com o todo. (SANTOS; MASSAMI, 2005, p. 125).

Portanto, vemos que para além de uma mentalidade ligada à religiosidade realizar um estudo sobre a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas pode também nos levar a compreender outros aspectos da cultura baiana. Ao longo do estudo da vida da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas em nossa sociedade é possível perceber o quanto ela nos revelou em relação à história, costumes e mentalidades da cidade, o desenvolvimento urbano, a literatura, os fatos e personalidades que foram considerados importantes, etc.

O antropólogo Igor Kopytoff (2008) ao falar sobre como a biografia de um objeto pode nos revelar aspectos da cultura de uma sociedade traz o exemplo da biografia de um automóvel na África. A forma como ele é adquirido, os usos rotineiros e eventuais, as identidades dos passageiros, a passagem do carro de uma mão para outra ao longo dos anos, o destino final do carro quando este já está deteriorando-se, tudo isto revela muito sobre como se dão as relações sociais na África, o que seria completamente diferente nos Estados Unidos, numa tribo Navarro, ou no interior da França, por exemplo.

Cada um deste aspectos, cada momento do percurso do “objeto carro” na sociedade africana ou numa sociedade francesa ou estadunidense nos revela aspectos tanto de como se dão as relações sociais de forma particular nestas sociedades, como também nos fornecem dados sobre a identidade das pessoas que se relacionaram com eles, sobre sua posição social, sobre sua identidade dentro desta cultura.

O fato é que, como diz Meneses (1983, p.113), os objetos são “[...] produtos vetores de relações sociais [...]” e são desta forma repositórios de informações, das relações entre os seres humanos. O objeto é uma espécie de resíduo das relações físico sociais, são mediadores e “testemunhas”. Através dos objetos nos relacionamos, estes mediam e transformam as relações sociais, atribuímos significados aos objetos o tempo todo e através da análise destes significados podemos compreender aspectos da mentalidade de uma dada sociedade.

O Antropólogo José Reginaldo Gonçalves (2007) também explica a relação entre o percurso dos objetos em uma sociedade e o que a análise deste caminho pode revelar:

Na medida em que os objetos materiais circulam permanentemente na vida social, importa acompanhar descritiva e analiticamente seus deslocamentos e suas transformações (ou reclassificações) através dos diversos contextos sociais [...]. Acompanhar o deslocamento dos objetos ao longo das fronteiras que delimitam esses contextos é em grande parte entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambigüidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva (GONÇALVES, 2007, p.15).

Analisar a história de um objeto como a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, por exemplo, acaba nos trazendo informações sobre as relações sociais que ocorreram ao seu entorno. Ela é testemunha do viver da época cuja mentalidade era de tal forma marcada pela religiosidade católica e pela relação com a devoção aos santos, através das imagens que os representavam, que o fato de uma de suas partes ter sido danificada afetou o cotidiano das pessoas e até mesmo a literatura da época como vimos nos poemas de Gregório de Mattos e no sermão de Antônio de Sá. Mentalidade esta que afeta até hoje o comportamento da população soteropolitana ainda muito ligada à religiosidade. Para além disso a mentalidade do culto aos Santos foi de tal forma marcante na história baiana que ao longo do tempo atingiu, e até hoje atinge, até mesmo o cotidiano e mentalidade das pessoas não ligadas à religiosidade católica.

Como já dito a prática de devoções aos santos é antiga no Brasil, tendo sido um hábito trazido pelos portugueses no período da colonização. Segundo Freire (2009) ao chegar no Brasil os portugueses já traziam consigo a prática de devoções aos santos, devoção desenvolvida por diversas razões “[...] por ter nascido no dia de determinado santo [...] devoções herdadas da família; predominantes nos santuários dos locais de origem.” (FREIRE, 2009, p. 2148). Com o tempo tais práticas passaram a se popularizar ainda mais.

Para Freire (2009) a popularidade no culto dos santos no Brasil se explica ainda pelo fato de que havia uma discrepância entre o número de padres e de regiões a serem assistidas levando os féis a “[...] desenvolverem uma prática de fé doméstica, cuja relação religiosa era resolvida diante do oratório repleto das imagens dos santos da devoção particular da família.” (FREIRE, 2009, p. 2149). Ainda segundo o autor “Havia uma relação de intimidade com santos as imagens que os representavam ajudavam a tê-los um ente da família do cotidiano.” (FREIRE, 2009, p. 2149).

Fausto (2010) conta que a vida religiosa estava profundamente ligada a uma relação direta com os santos, havendo um cuidado especial com as imagens que os representavam. Um exemplo de como estas práticas ocorriam é ilustrado por Santos e Massami (2005) que ao

falarem sobre a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas contam que havia até mesmo uma irmandade composta por leigos e padres que se dedicavam à veneração da santa, tendo um imenso cuidado com a imagem ornando-a com coroas, vestidos e outros enfeites.

Ao observar nosso cotidiano percebemos o quanto esta mentalidade ainda nos influencia. Segundo Santos (2009), é possível perceber a presença dos santos no Brasil colonial na nomeação cidades, fortes, capelas, escritos, relatos, sermões, etc. Muitas destas intitulações permanecem até os dias atuais, é comum encontrar nome ruas, cidades, lojas, empresas com o nome de santos.

Outro exemplo da influência colonial nos dias atuais em relação a uma mentalidade ligada à devoção dos santos e da utilização das imagens que os representam é citada pelo historiador Thales de Azevedo (2002) que identifica que mesmo séculos depois nas repartições públicas de grande parte do país - federais, estaduais e municipais, bem como nos escritórios das organizações paraestatais, ainda existiam no final do século XX, às vezes, em mais de uma sala pública do mesmo edifício, imagens religiosas entronizadas. Realidade que também percebemos hoje.

Ao falar sobre a religiosidade do século XIX no Brasil durante a vigência do Padroado o historiador Mauro Dillmann (2012, p. 105) comenta que “Através do escrito de José de Alencar, percebemos o quanto era presente naquela sociedade o culto aos santos e as procissões festivas em homenagens aos mesmos. ”

Couto (2004) também fala sobre a importância que festas como as dedicadas à Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant’Ana tinham para a sociedade no século XIX e XX. Até hoje ainda percebemos a permanência destas práticas em Salvador em procissões como na própria festa de Santa Barbara ou do Senhor do Bomfim, que atraem centenas de pessoas todos os anos.

Desta forma a imagem também serve como um documento do passado de Salvador, pois como escreve Meneses (1998, p. 99) “[...] a simples durabilidade do artefato, que em princípio costuma ultrapassar a vida de seus produtores e usuários originais, já o torna apto a expressar o passado de forma profunda e sensorialmente convincente”.

Em fevereiro de 1975 a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas passou a fazer parte do acervo do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia. No período o Museu era dirigido por Valentin Calderón e um contrato de empréstimo entre este e a arquidiocese de Salvador assinado pelo padre Osmar Valeriano possibilitou que a imagem fosse restaurada e exposta no Museu, a princípio por um período de um ano, mas que através de renovações de contrato se estende até os dias atuais.

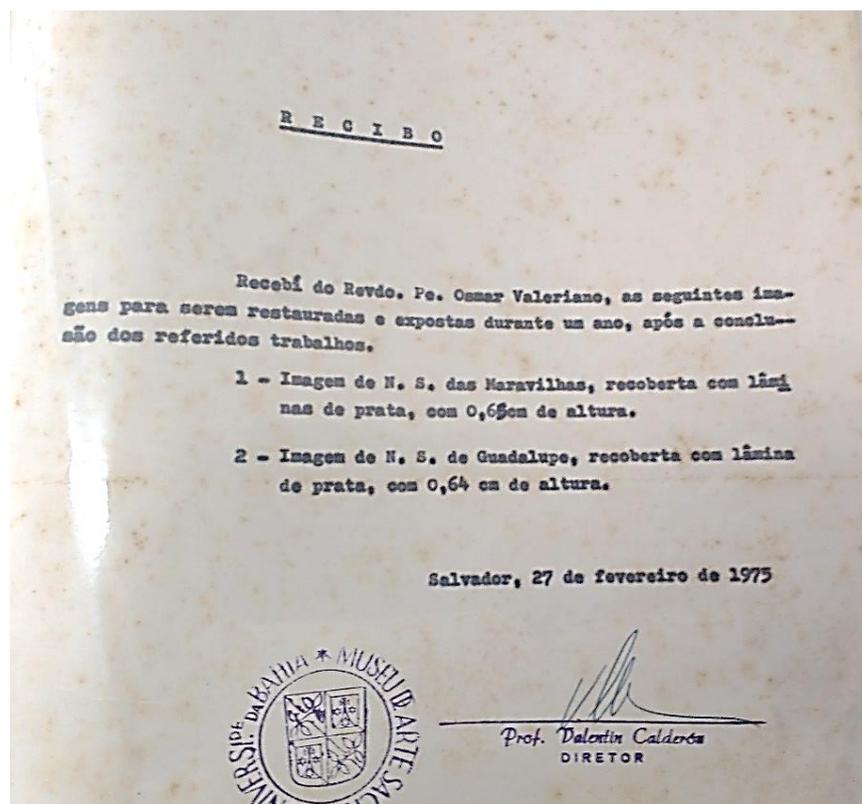


Figura 6. Recibo de empréstimo, MAS, 1975. Fonte: Foto da autora/ documento setor de documentação, MAS-UFBA

Desta forma, a imagem foi assim transferida para um local privilegiado no sentido de destacar os aspectos culturais da sociedade baiana que podemos abordar a partir de seu estudo já que o museu é uma, instituição onde “[...] se processa a relação profunda entre o Homem, sujeito que Conhece, e o Objeto, parte da realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem poder de agir” (RUSSIO apud CURY, 2005, p. 366). Ou seja, uma instituição onde os objetos produzidos pelos seres humanos são trabalhos de forma que possam ser utilizados como instrumento para levá-los a pensar sua realidade, a descobrir mais sobre esta.

3.1. A IMAGEM NO MUSEU

Segundo informações publicadas no site da instituição, o MAS/UFBA foi inaugurado no dia 10 de Agosto de 1959, como fruto da iniciativa do Professor Edgar Santos, primeiro Reitor da Universidade. Localizado em Salvador- BA, no bairro do Sodré, o Museu encontra-se instalado em um dos maiores conjuntos arquitetônicos seiscentistas brasileiros, o antigo Convento de Santa Tereza. O Museu foi inaugurado graças a um convênio entre a UFBA e a arquidiocese de São Salvador, a quem pertence o conjunto.

No contrato a UFBA se responsabilizava pela restauração do conjunto cedido pela arquidiocese para o funcionamento do Museu, que foi um dos primeiros museus universitários do país, mantido atualmente como órgão suplementar da UFBA. Em 2017, ainda segundo o site do museu o contrato entre a UFBA e a arquidiocese de Salvador foi renovado, garantindo a ocupação do conjunto arquitetônico pelo Museu por mais 60 anos.

Ainda segundo a página do Museu, o MAS/UFBA abriga hoje uma “rara e preciosa” coleção de objetos de arte sacra que o consolida como um dos mais importantes museus do gênero nas Américas. Dentre as peças que atualmente compõem o acervo do museu está a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas que, como vimos, passou a integrar o acervo do MAS em 1975 através de um contrato de empréstimo.⁷

Segundo o diretor do Museu, o senhor Francisco Portugal Guimarães, antes de compor o acervo a imagem encontrava-se na atual Catedral de Salvador, para onde foi levada depois da demolição da antiga Igreja Sé, em 1933. Na Catedral a imagem era exposta pelo pároco para contemplação dos visitantes até que na década de setenta, quando foi emprestada ao Museu, onde passou por um processo de restauração.

A “mudança de moradia” para o Museu proporcionou à imagem, também, mudanças em sua função, ou melhor dizendo, ao ser selecionada para compor o acervo do Museu a imagem ganhou mais uma função, a de símbolo, processo que ocorre com todo objeto ao passar pela cadeia operatória de um museu, como destaca o antropólogo José Reginaldo Gonçalves:

Antes de chegarem à condição de objetos de coleção ou de objetos de museu, foram objetos de uso cotidiano, foram mercadorias, dádivas ou objetos sagrados. Afinal, conforme já foi sugerido, cada objeto material tem a sua ‘biografia cultural’ (Kopytoff 1986) e sua inserção em coleções, museus e ‘patrimônios culturais’ é apenas um momento na vida social. No entanto, esse momento é crucial pois nos permite perceber os processos sociais e simbólicos por meio dos quais esses objetos vêm a ser transformados ou transfigurados em ícones legitimadores de ideias, valores e identidades assumidas por diversos grupos e categorias sociais. (GONÇALVES, 2007, p.23-24).

Ao ser selecionada para compor a coleção do Museu de Arte Sacra a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas passou então a ser um signo dos valores e identidades assumidas pelos grupos sociais que lhe atribuíram diversas funções e significados (presente, objeto devocional e objeto comercial, documento, etc.) ao longo de sua existência.

⁷ Site do museu <https://mas.ufba.br>

Segundo Peirce um signo “[...] é algo que está no lugar de alguma coisa para alguém, em alguma relação ou alguma qualidade” (PEIRCE apud FERNANDES, 2011, p. 168). Baseando-se na definição de Peirce, Emilio Ribeiro ao falar sobre o assunto traz um exemplo para explicar signo:

[...] uma foto ou uma pétala seca que levamos em nossa carteira e que foi dada por uma pessoa muito especial representa essa pessoa, para quem se dirige a concepção de reconhecimento. De fato, ao carregar a foto ou pétala seca, uma pessoa estará, de certa forma, trazendo para perto de si a outra pessoa, pois gostaria que estivesse sempre consigo. No momento em que não pode estar presente, essa pessoa está ali simbolizada e seu significado, aproximado por meio dos símbolos que a representam. (RIBEIRO, 2010, p. 50).

De forma parecida, assim como a pétala na carteira, do exemplo, passou a representar uma pessoa que possuía. Os objetos ao entrarem no museu passam a representar as sociedades que os possuíam, ou ainda as ideias, as formas de pensamento das pessoas desta sociedade. Cabe a cada museu buscar formas para que esta função simbólica seja percebida pelos visitantes.

Ao sintetizar o pensamento de Susan Pearce, Brulon (2015), nos leva a entender melhor aspectos importantes deste processo:

Nessa nova fase de sua existência são alterados, para além de sua função essencial que deixa de ser utilitária passando a ser interpretativa, os seus modos de se relacionar com os outros objetos e com os seres humanos que lhes dão sentido. O objeto não perde a sua funcionalidade e nem mesmo é possível afirmar que ele ‘morre’ para o mundo do qual fazia parte anteriormente, no entanto, ele deixa de exercer as suas funções tradicionais para ser interpretado como símbolo ou signo (PEARCE, 2006) de realidades sociais específicas (reais ou imaginadas) (BRULON, 2015, p. 26).

Meneses (1980, p. 5) exemplifica ainda o que acontece com um objeto em um museu:

Nas coleções, justamente, tem-se o esvaziamento total das funções originais das coisas, de maneira que, por exemplo, um tapete deixa de ser uma cobertura de solo, uma arma de ser um artefato de ataque e defesa, em suma, um vaso deixa de ser um vaso, um relógio deixa de ser um relógio tudo isso se transforma em ‘objetos de coleção’. O museu é o lugar privilegiado em que esse esvaziamento se institucionaliza, em que se promove essa espécie de exílio do objeto do seu campo próprio.

Desta forma, ao entrar no MAS/UFBA, a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas deixou de ser tratada como objeto de devoção e passou a ser um documento, uma representação das práticas devocionais, religiosas que ocorreram na Bahia ao longo da história, ou ainda a ser símbolo de um movimento artístico, de um fato histórico, dentre outras possibilidades. A imagem passa a representar aspectos de uma cultura, o objeto foi como explica Dodebei “[...]”

selecionado do universo social para testemunhar uma ação cultural” (DODEBEI apud LOUREIRO, 2013 s.p.).

Segundo Loureiro e Loureiro (2008), nos museus vestígios e fragmentos do mundo físico são submetidos por profissionais da área da informação a procedimentos como seleção, classificação documentação e outros procedimentos teóricos e instrumentais que conferem a estes fragmentos novos sentidos e significados, ou seja, “Nos museus o objeto adquire novas disposições, propriedades e atributos, e é inserido em sistemas de representação pretendidos como aptos a organizar narrativas e conjuntos discursivos.” (LOUREIRO; LOUREIRO, 2008, p. 4).

Este processo pelo qual um objeto passa dentro de um museu na área da Museologia, denomina-se processo de musealização que “[...] consiste em um conjunto de processos seletivos de caráter info-comunicacional baseados na agregação de valores a coisas de diferentes naturezas às quais é atribuída a função de documento, e que por esse motivo tornam-se objeto de preservação e divulgação”. (LOUREIRO, 2012, p. 204-205).

Através do processo de musealização os museus cumprem sua missão de “[...] conservar, investigar, comunicar, interpretar e expor, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.” (BRASIL, 2009). Cada museu realiza tais funções de acordo com a missão estabelecida em seu plano diretor, tipologia de acervo, dentre outras metas cada museu.

O MAS/UFBA ao formar seu acervo, o qual a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas está incluída, pretendia, segundo sua missão: “Divulgar e expor a arte sacra cristã através de ações de preservação, pesquisa e comunicação, buscando contribuir para o desenvolvimento sociocultural do Estado, valorizando sua memória histórica e artística.” (MISSÃO-MAS/UFBA).⁸

No Museu a imagem passou, logo no início, como vimos, por um processo de restauração para conservação da obra, ela também foi devidamente registrada no Museu com uma numeração específica, e documentada. Foi elaborada uma ficha com o registro de diversas informações relativas às peças, tanto as de caráter intrínseco (medidas, materiais, estado de conservação) e extrínseco (procedência, bibliografias, locais por onde passou, fatos históricos no qual ela esteve envolvida, etc.).

⁸ Retirado de <https://mas.ufba.br/missao> Último acesso em 24/01/2018.

No museu estas informações são reunidas em pasta de documentação relativa à peça para auxiliar na preservação da identidade da peça e em procedimentos futuros como por exemplo em pesquisas, elaboração de exposições, ou no próprio processo de conservação e restauração da peça, etc.

Além do processo de restauração no museu a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas passa por processos de conservação preventiva. São realizados periodicamente processos de limpeza mecânica, além disso, como um procedimento preventivo, o ambiente onde ela está é constantemente observado pela equipe de conservação do museu, que observa se o ambiente oferece algum risco para a conservação, como presença de insetos, umidade alta, etc., tomando medida para resolver estes problemas.

Para Cury (2005), as exposições são a “ponta do iceberg” é a parte do processo de musealização que visualmente se manifesta para o público é onde o público pode ter acesso a “poesia dos objetos”, em outras palavras as histórias que podem ser lidas ou contadas através deles. Para a autora as exposições são a grande chance que os museus têm de se mostrarem para a sociedade e de firmar, de consumir sua missão institucional.

No Museu a peça é exposta em uma das primeiras salas do circuito de exposição de longa duração em uma sala denominada, “Valentin Calderón”, em homenagem a um dos primeiros diretores do Museu. Esta Sala é dedicada especialmente às peças que chegaram ao Brasil ou foram produzidas durante os séculos XVI e XVII.

O espaço expositivo é composto por três vitrines que abrigam objetos litúrgicos e imaginária sacra católica, além de quadros, arcas, baús e fragmentos arquitetônicos de igrejas que são dispostos de forma intercalada com as vitrines.

A imagem de Nossa Senhora das Maravilhas é exposta em uma vitrine que também abriga outras peças que fizeram parte do acervo da antiga Igreja Sé de Salvador, como uma imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, escultura em madeira recoberta em prata, e quatro objetos litúrgicos: um turíbulo, uma naveta, uma custódia e uma sineta todas também em prata.

As informações relacionadas às peças são levadas ao público através de etiqueta onde constam dados técnicos sobre estas. As etiquetas possuem dados relativos à coleção a qual as peças fazem parte, o século em que foram produzidas e o material do qual são feitos. Ao lado da vitrine também há um painel com uma imagem que demonstra onde a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe se localizava na Igreja da Sé.

As outras duas vitrines que compõe o espaço expositivo abrigam imagens sacras católicas, feitas em terracota no século XVII, e imagens em madeira também deste período,

representando santos católicos. Nestas vitrines as informações sobre os objetos são oferecidas através de etiquetas. As informações sobre a imagem também podem ser encontradas em catálogos, o mais recente, tem a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas como capa e contracapa, conforme as imagens abaixo:



Figura 7 Sala de Exposição Valentin Calderón, MAS-UFBA.
Foto da autora.



Figura 8 Vitrine com imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, Sala Valentin Calderón. Foto da autora.



Figura 9. Capa e contracapa catálogo MAS/UFBA. Foto de Joseania Miranda Freitas.

Desde que começou a fazer parte da coleção do Museu a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas também já participou de uma exposição temporária. Em 1997 a Biblioteca Nacional de Lisboa solicitou o empréstimo da imagem para uma exposição denominada “Vida e Obra do padre Antônio Vieira”, a imagem ficou em Portugal entre novembro de 1997 e fevereiro de 1998 quando retornou ao MAS/UFBA.

A presença da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas na exposição de longa duração e na exposição temporária demonstra como um objeto pode ser usado para compor diversas abordagens, se no MAS-UFBA ela é usada para compor o cenário dos primeiros tempos da nação que hoje chamamos de Brasil, em Portugal ela foi utilizada para contar aspectos da vida do Padre Antônio Vieira, o que poderia também ser abordado em uma exposição em Salvador, já que o padre Antônio Vieira é uma personalidade marcante na história da Bahia.

Durante o processo de musealização, principalmente durante a pesquisa, muita coisa pode ser descoberta sobre um objeto e várias abordagens podem ser feitas a partir deste. Os objetos podem ser fontes inesgotáveis de informações. Um museu pode transmitir diversas narrativas ao público através de um mesmo objeto e ainda assim não fugi de seus objetivos institucionais.

Muitas vezes o público mais frequente do museu já conhece a exposição de longa duração da instituição, já que estas como o próprio nome sinaliza demoram algum tempo para ser alterada pela equipe do museu. Existem, porém, diversas formas em que museu pode fazer novas abordagens sobre seu acervo.

Uma das formas encontradas pelos museus para trazer novas informações ao público em relação ao seu acervo são as exposições temporárias. Nelas são demonstradas ao público novas perspectivas em relação ao acervo. Sobre os benefícios que a realização de exposições temporárias pode trazer a um museu os museólogos e professores Joseania Freitas e Marcelo Cunha (2014) escrevem:

Exposições temporárias são importantes espaços de ‘oxigenação’ para os museus, ou seja, elas oferecem a oportunidade de renovação da narrativa expositiva, servem para apresentar novas experiências museógrafas, com conteúdo que dialogam direta ou indiretamente com as exposições de longa duração. Nelas é possível realizar experimentos nas diversas áreas, seja uma nova forma de iluminação, detalhes relativos ao conforto ambiental, à acessibilidade, ao mobiliário, etc., de forma a aguçar os sentidos dos visitantes, a exemplo de experiências gustativas e/ou olfativas, que no cotidiano institucional, pelo alto custo de manutenção não podem ser utilizadas. Em diversas partes do mundo as exposições temporárias têm sido utilizadas como instrumento para atrair um número cada vez expressivo de públicos[...]. (FREITAS; CUNHA, 2014, p. 192- grifo dos autores).

Realizar uma exposição temporária seria, portanto, uma forma do Museu de Arte Sacra trazer novas informações sobre a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, revelando novas informações sobre traços biográficos da peça e como estes se ligam à história e cultura da sociedade baiana, ratificando os motivos de sua preservação. Como vimos existem diversas facetas da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas que podem ser exploradas a peça está envolvida em diversos fatos na história da Bahia, além disso está no regulamento do MAS-UFBA o objetivo de organizar exposições temáticas comemorativas o que torna ainda mais interessante se pensarem em uma exposição deste tipo.

3.2 DIRETRIZES EXPOSITIVAS

Segundo o professor e museólogo Marcelo Cunha (2010), as exposições, apesar de não serem os únicos meios que os museus possuem para se comunicar com o público, se constituem como um recurso privilegiado para exercer tal função, devido ao seu caráter “dinâmico” e “democrático”, e por serem um veículo de produção e difusão de conhecimento. Entretanto, conceber um projeto para uma exposição que reúna tais características, ainda que seja um projeto para uma exposição temporária, é uma tarefa que exige trabalho e reflexão por parte dos profissionais de museu, que devem estar a todo momento atentos ao modo como o público e o acervo do museu devem ser tratados para que ocorra um processo de comunicação entre o museu e o visitante.

Para que as exposições se tornem realmente “dinâmicas” e “democráticas” é necessário que no processo de concepção destas, os profissionais dos museus estejam atentos a alguns aspectos, relativos à função das exposições e o modo como estas devem ser organizadas.

Para Cunha (2010), as exposições são “traduções de discursos”, feitas através dos objetos e imagens, referências espaciais. Os objetos em exposição estão ali, portanto, para ajudar na construção e transmissão de uma ideia, estes passam por um processo de ressignificação para que possam ser signos, símbolos destas ideias, sobre aos quais o público pode refletir.

Ocorre, porém, que em muitos museus os objetos são expostos, por eles mesmos, sem serem ressignificados ou ainda são expostos tendo como critério apenas a visão do museu, o seu sistema classificatório, que é na maioria das vezes apenas compreendido por especialistas.

Ao se conceber uma exposição temporária sobre Nossa Senhora das Maravilhas, por exemplo, é preciso estar o tempo todo atento a esta realidade, ela não é mais apenas um objeto devocional, mas sim um símbolo. Desta forma diversas abordagens podem ser feitas, o que enriquece a exposição, permite que o público possa refletir, construir conhecimento através dela e não apenas contemplar o objeto.

Existem diversas composições, diversas narrativas que podem ser construídas através da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas como, por exemplo, a formação de aspectos culturais da sociedade soteropolitana. Perceber o objeto enquanto símbolo e não apenas como um “utilitário” é uma das premissas para se organizar uma boa exposição museológica. O historiador Francisco Régis Lopes Ramos discorre sobre o assunto:

Ninguém vai a uma exposição de relógios antigos para saber as horas. Ao entrar no espaço expositivo, o objeto perde seu valor de uso: a cadeira não serve de assento, assim como a arma de fogo abandona sua condição utilitária. Quando perdem suas funções originais, as vidas que tinham no mundo fora do museu, tais objetos passam a ter outros valores, regidos pelos mais variados interesses. (RAMOS, 2015, s. p.).

É interessante, também, que nas exposições os diversos públicos não sejam levados a apenas contemplar sobre ideias ou figuras do passado mas possa também refletir criticamente sobre o presente. Segundo a Declaração de Caracas – 1992, o museu deve orientar seu “[...] discurso para o presente, enfocando o significado dos objetos na cultura e na sociedade contemporânea e não somente em como e por que se constituíram em produtos culturais no passado” (ICOM, 1999, p. 253). Neste mesmo raciocínio Ramos (2015) exemplifica como através de qualquer objeto de seu acervo um museu pode levar os seus públicos a reflexões sobre questões contemporâneas:

[...] o objeto é tratado como indício de traços culturais que serão interpretados no contexto da exposição do museu [...]. Assim, qualquer objeto deve ser tratado como fonte de reflexão, desde o tronco de prender escravos em exposição no Museu do Ceará até o copo descartável que faz parte do nosso cotidiano. O tronco, com toda sua carga dramática, abre inúmeras possibilidades de estudos não somente sobre nosso passado, mas também para questionarmos a história dos instrumentos de tortura no presente. Da mesma forma, o copo descartável pode servir de material para uma infinidade de estudos sobre a sociedade de consumo na qual estamos inseridos e sobre a qual temos pouca consciência crítica. (RAMOS, 2015, n. p.).

Seria interessante, portanto, que a exposição sobre Nossa Senhora das Maravilhas fosse organizada de modo que esta não seja tratada como uma peça do passado, datada em um século, mas como uma peça “testemunha” da construção de aspectos da cultura na cidade do Salvador

no tempo presente, como uma “testemunha” do processo que construiu o que somos hoje. Vários temas podem ser tratados a partir da história da imagem.

Existe muita coisa, como vimos nas histórias que envolvem a imagem que podem nos levar a refletir sobre o presente. Ao falar sobre a história do “estalo de inteligência” de Antônio Vieira podemos, por exemplo, refletir sobre a educação no Brasil colonial, mas também sobre os impactos desta na educação no presente. Em relação à destruição da Igreja da Sé, local onde a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas permaneceu por muito tempo, podemos refletir também sobre a preservação do patrimônio atualmente, sobre as consequências da urbanização, a necessidade de se pensar o desenvolvimento da cidade de forma sustentável, etc., ou ainda como os próprios hábitos religiosos trazidos pelos portugueses e como estes influenciam o nosso comportamento.

Para que estas novas narrativas possam ser montadas a partir do objeto, Cunha (2010) chama atenção para o fato de que é necessário um bom sistema de documentação e pesquisa, que permita conhecer melhor a história do objeto e as facetas que podem ser exploradas, desta forma trabalhos como este e o trabalho realizado pelos profissionais do MAS/UFBA se tornam essenciais para um bom projeto de exposição.

Para que as exposições possam ser efetivamente veículos de comunicação, outro aspecto ao qual Cunha chama atenção é em relação à atenção que o museu deve ter em relação ao público, o autor ainda destaca que as exposições, por seu caráter democrático estão abertas a todas as pessoas, o que as tornam acessíveis a um público bastante heterogêneo, composta por pessoas de diversas idades, culturas, níveis culturais e econômicos.

Como foi abordado anteriormente um dos maiores erros dos museus é organizar suas exposições apenas sobre o seu ponto de vista, embasado em seu sistema classificatório. Para que as exposições sejam efetivamente um veículo de comunicação é necessário que o museu conheça seus públicos ou possíveis públicos, seus códigos culturais e intenções, expectativas, etc. É preciso que o museu conheça o ambiente onde está inserido.

Segundo dados do Setor Educativo do Museu, o seu público é composto, principalmente, por estudantes da cidade de Salvador tanto da educação básica como de nível superior e por turistas sendo, portanto, um público bastante heterogêneo.

Ramos (2015) chama atenção para o fato de que ao receber estudantes, é preciso estar atento a diversas questões relacionadas a como este público é ser tratado durante a visitação. Segundo o autor:

É preciso colocar a exposição como parte de um programa educativo mais amplo, que inclui a questão das visitas monitoradas e a relação do museu com a sala de aula e outros espaços. Uma das metas primordiais é despertar os professores para o potencial educativo da história dos objetos, criando não somente um recurso didático para as aulas, mas sobretudo formando em seus alunos novas percepções para a multiplicidade de tempos esses cursos, uma das questões colocadas é a necessidade de compor visitas temáticas. (RAMOS, 2015, s.p.).

Ao elaborar uma exposição é preciso pensar também nos turistas. Segundo o IBRAM os turistas que visitam museus geralmente “[...] estão à procura de conhecer as peculiaridades do lugar e, ao mesmo tempo, de realizara experiências diferentes de seu cotidiano.” (IBRAM, 2014, p.14). Desta forma, conceber uma exposição que através da biografia da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, mostrasse aspectos da cultura baiana, de uma forma dinâmica e criativa, seria uma boa forma de atender a este público.

Ao se conceber um projeto de exposição temporária sobre a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas é preciso pensar, portanto, em uma linguagem que permita transmitir, aos mais variados públicos, as ideias elaboradas a partir do estudo desta peça, de forma que os visitantes possam compreendê-las e construir conhecimento através da exposição.

Também é preciso pensar em questões referentes à acessibilidade de pessoas com algum tipo de deficiência e/ou dificuldade de locomoção, ao se conceber uma exposição é preciso pensar nestes públicos durante a organização do espaço, e na elaboração dos recursos e elementos expositivos.

Evitar barreiras que possam atrapalhar pessoas com dificuldade de locomoção, utilização de rampas para facilitar a locomoção de cadeirantes, elaboração de materiais em libras e em braile, são exemplos de algumas medidas que podem tornar a exposição mais acessível. Seguindo as normas da ABNT é possível tornar os espaços mais acessíveis. A acessibilidade é um direito garantido por lei, sendo um dos aspectos que devem ser pensados para a construção de espaços democráticos.

No caso de uma exposição que recebe turistas também é preciso pensar em questões relativas à acessibilidade, no que se refere aos diferentes idiomas, é interessante que o conteúdo da exposição esteja disponível em pelo menos dois idiomas.

Outro ponto ao qual Cunha (2010) leva a refletir em relação as exposições é o caminho que se deve e escolher para a transmissão das informações contidas em um acervo. O autor chama atenção para o fato de que na ânsia de transmitir muitas informações ao público, os curadores das exposições acabam utilizando uma quantidade excessiva de textos, o que muitas vezes acaba tornando as exposições cansativas. Cunha (2010, p.114) lembra que “[...] não podemos perder de vista que as exposições devem recorrer basicamente aos elementos sensoriais para a sua otimização.” Neste sentido o autor descreve como para ele deve se dá o processo comunicacional nas exposições:

O museu e suas exposições devem ser entendidos como locais em que se processa nossa cognição, em que exercitamos nossa capacidade de leituras do mundo através de referências materiais e as possíveis articulações e arranjos de interação. O museu se estabelece, então, como local privilegiado de exercícios semióticos, pois, se a todo momento estabelecemos relações com objetos e imagens construindo nossas abordagens e relações com o mundo, nele há como intensificar esta relação, propondo visadas e direcionando a atenção por sobre elementos específicos. [...]. (CUNHA, 2010, p.116).

Desta forma, durante o planejamento de uma exposição sobre a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas é preciso ter em mente a intenção de criar um espaço no qual os públicos possam ter uma experiência sensorial, utilizando-se dos textos como elementos auxiliares, mas dando uma ênfase maior à criação de espaços que estimulem, através dos sentidos, a memória e a produção de conhecimento dos visitantes.

Podem, por exemplo, ser utilizados instrumentos como vídeos, imagens, textos, sons, recursos tecnológicos interativos, cenários, outros objetos, dentre outros recursos que possam estimular sensorialmente os visitantes e promover uma experiência dinâmica e interativa.

Pensamos neste, em e outros aspectos, foi formulado desta forma algumas diretrizes de um projeto de exposição temporária para o MAS/UFBA sobre a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas. Estas são apenas diretrizes iniciais para que mais tarde, o projeto, se de interesse do museu, possa ser discutido de forma interdisciplinar por sua equipe.

- **Apresentação**

No ano de 2019, o MAS/UFBA comemorará 60 anos de existência, neste mesmo ano, Salvador, cidade onde o Museu está localizado também comemora uma data marcante, 470 anos de sua fundação. Em comemoração a esta data pretende-se elaborar um projeto de exposição intitulado “Nossa Senhora das Maravilhas nas Histórias da Cidade de Salvador”, no qual o museu possa homenagear através de uma peça de seu acervo, a imagem de Nossa Senhor

das Maravilhas, a cidade no qual está inserido, trazendo ao público elementos e fatos marcantes da história de Salvador desde a fundação da cidade.

A imagem de Nossa Senhora das Maravilhas foi escolhida como elemento chave para esta exposição devido ao fato de que esta é uma das imagens mais antigas presentes no acervo do MAS/UFBA. A imagem acompanhou a história e o desenvolvimento da cidade de Salvador desde os primeiros anos de sua fundação, sendo testemunha de diversos fatos marcantes e participando da vida de diversas personalidades da história da cidade.

A proposta de elaboração desta exposição nasce, dentre outras motivações, da observação da necessidade de que a população soteropolitana possa, nas instituições museológicas, ter um espaço de preservação e discussão de aspectos relacionados às memórias e identidades da cidade em que habita. Salvador, apesar de ter sido a primeira capital do Brasil e de ser a terceira maior cidade do país, abrigando mais de três milhões de habitantes não apresenta uma instituição museológica que cuide de forma específica sobre sua história.

O único museu que, em tese, poderia abordar esta temática, o “Museu da Cidade”, foi fechado e ainda durante o seu funcionamento não se ocupava em traçar uma narrativa da história de Salvador, mas de diversos elementos da cultura baiana, muitas vezes de forma desconexa.

É essencial que uma sociedade tenha instituições que zelem por suas memórias e pelas identidades de seus cidadãos que as permita refletir sobre si próprios, sobre quem são, como se tornaram o que são e para onde se desejam ir. Campos (2015) tece uma reflexão sobre isso

Preservar a memória vai muito além de resgatar o passado. Também é compreender as diferenças e reconhecer os limites de cada período. É ter referenciais consistentes para construir o presente e planejar o futuro, descobrir valores renovar os Vínculos, sobretudo, refletir sobre a história, não apenas como quem recorda, mas exercitando umas verdadeiras práxis, em que a reflexão e a prática andam lado a lado. (CAMPOS, 2015, p.7).

Dentro do contexto da preservação das memórias de uma sociedade os museus exercem papel especial, pois a estes cabe a função de preservar os documentos que são portadores das memórias da sociedade e os expõem de forma que possam levá-la a refletir sobre aspectos de suas culturas e identidades. Nesta perspectiva, segundo Marques (2013), nos museus:

A sociedade, enquanto grupo, constrói e reproduz a sua identificação através da relação que estabelece com o seu passado (histórico, religioso, mitológico), vinculada pelos objetos que o representam. Estes objetos são simbolicamente apropriados pela sua capacidade de (re)memorar acontecimentos e convocar o passado, razão pela qual são conservados e protegidos de forma a perpetuar a sua existência no tempo. (MARQUES, 2013, p.237).

Desta forma, a elaboração de uma exposição sobre as histórias de Salvador se justifica na oportunidade de levar os públicos do museu a conhecer melhor a história de sua cidade e pensá-la para o presente e futuro.

Outro ponto que justifica a iniciativa de realização deste projeto de exposição é tentar aproximar o público, soteropolitanos e turistas, do MAS/UFBA, mostrando de forma dinâmica e interativa como o acervo presente no museu, representado pela imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, possui vínculos com a cultura baiana, com a história e cotidiano delas.

Cury (2005) explica como a elaboração de exposições que mostrem a influência do acervo e das ideais representadas por ele no cotidiano das pessoas pode aproximá-las do museu:

Os processos de elaboração de exposições em museu devem levar em conta que a aproximação entre exposição e público deve se dar tendo o público como referência. Isso significa que tanto os temas e assuntos escolhidos para serem musealizados quanto a elaboração do discurso expositivo deveriam se dar a partir do *cotidiano dos receptores*. Contextualizar os objetos museológicos só teria sentido se, ao mesmo tempo, contextualizássemos o tema e o assunto face ao cotidiano das pessoas. Não basta expor contextualizando a partir da origem do artefato e sim expor fazendo com que se estabeleça vínculos entre culturas, entre grupos e entre pessoas de culturas diferentes e isso só se dá na comunicação de sentidos. Somente estabelecendo vínculos é que conseguiríamos estabelecer uma relação dialógica entre exposição - e grupos culturais - e o receptor. (CURY, 2004, n. p.- grifos da autora).

Francisco Portugal Guimarães, diretor de MAS/UFBA em entrevista a TV UFBA, fala sobre a importância do acervo do Museu de Arte Sacra como símbolo de um dos aspectos da cultura baiana. A religião é um aspecto que influencia muito a mentalidade e as práticas do cotidiano de uma cidade, festas, manifestações artísticas, modo de comer e vestir, etc. Segundo o diretor, assim como a arte sacra indígena e africana, a arte sacra cristã representa um dos elementos que contribuíram para a formação da cultura e mentalidade do povo baiano, formado a partir de uma miscigenação étnica na qual estes três grupos se destacam.

O Museu tem como um dos maiores públicos atualmente estudantes de nível médio e superior da cidade de Salvador. A exposição seria uma oportunidade para este público compreender o acervo do museu não apenas como arte sacra cristã, mas uma vez bem contextualizado em uma exposição, como um instrumento que pode auxiliar na compreensão do desenvolvimento da educação, das artes, da arquitetura e de uma outra série de elementos da cidade de Salvador. Além de se compreender melhor enquanto cidadãos e cidadãs baiano e sobre seu papel na preservação e promoção da cultura na cidade.

- **Objetivos**

Objetivo Geral

Evidenciar através da análise de momentos do percurso percorrido pela imagem de Nossa Senhora das Maravilhas na Bahia desde sua chegada em 1552, aspectos da história e cultura da cidade de Salvador, proporcionado ao público um espaço dinâmico e interativo para pensar a cidade no passado, no presente e no futuro.

Objetivos específicos:

- Proporcionar um espaço onde os visitantes do MAS/UFBA possam conhecer melhor uma das peças mais importantes de seu acervo, a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas.
- Demonstrar, em meio à narração dos fatos ocorridos com a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas na Bahia, momentos da história da fundação, povoamentos, educação, urbanização, na Salvador colonial;
- Criar um espaço no qual o público sintam-se motivado a refletir de forma crítica sobre aspectos da história de Salvador, tendo como premissa a concepção de que entender a história de Salvador pode ser um meio de também a pensá-la no presente e para o futuro;
- Demonstrar como, através do estudo da cultura material, é possível compreender aspectos de uma sociedade.
- Narrar momentos da história de Nossa Senhora das Maravilhas na cidade de Salvador, utilizando recursos tecnológicos, painéis, objetos, textos e imagens através de uma linguagem simples, atrativa e expressiva.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se soubermos perguntar, um objeto como a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas pode nos revelar muitas coisas: muitas histórias e narrativas podem ser contadas através dela. Como escreve Ramos (2015, n. p.) “Se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos [...] Além de interpretar a história através dos livros, é plausível estudá-la por meio de objetos”. O estudo da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas permitiu ter um pequeno

exemplo de como é possível estudar, interpretar aspectos da história e da cultura de um povo por meio de um objeto.

A imagem de Nossa Senhora das Maravilhas “testemunhou” o início da formação do Brasil como nação, um dos símbolos da chegada dos portugueses nestas terras acabou se tornado, ao longo do tempo, um objeto através do qual podemos compreender aspectos da formação da cultura baiana.

A imagem passou por diversos momentos da história da Bahia. Ao longo dos séculos, as sociedades que interagiram com ela e foram deixando, mesmo sem perceber, suas marcas na materialidade e na imaterialidade da peça. Através da trajetória que a imagem percorreu nestas sociedades, das histórias nas quais se envolveu das interferências físicas que sofreu podemos entender também a história das pessoas que interagiram com ela.

Através da chegada da imagem ao Brasil, logo nos primeiros anos de formação do país mostra, entre outros aspectos, a forte presença da igreja católica desde sua formação. A história do “estalo” de Vieira acabou nos levando a descobrir não apenas uma curiosa história da cidade, como também nos fez perceber como ainda a mentalidade católica influenciava na literatura e na educação, e como era concebida a literatura e a educação no Brasil colonial.

O fato é que, como nos diz Meneses (1998), todo objeto pode se tornar um documento partir do momento que temos intenção de tê-lo nessa função. Quando se tem a disposição de “ler” um objeto, de questionar sobre os seus significados pode-se torná-lo uma fonte de informações sobre as relações humanas.

Através do estudo da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas podemos perceber uma pequena parte do que este objeto como documento pode revelar. Além de aspectos sobre a história da Bahia uma infinidade de outras histórias poderiam ser contadas. Iríamos ainda mais longe se investigássemos, por exemplo, como a sociedade portuguesa se relacionava com este objeto, descobrindo aspectos de sua cultura. Ou ainda se questionássemos sobre os anos que demoraram para se desenvolver as técnicas de sua fabricação, o local de onde foram extraídos os materiais do qual ela é feita, quem extrai estes materiais, etc. A partir destas informações poderíamos falar de uma série de ideias relacionados aos seres humanos, poderíamos descobrir séculos de descobertas científicas, conflitos, relações e modos de produção, e formas de pensamento.

Um objeto pode nos contar mais do aquilo que foi escrito. Muito do que sabemos sobre as sociedades do passado, inclusive sobre aquelas que não dispunham de escrita, pode ser inferido por nós, por meio do estudo da cultura material, o que demonstra a relação íntima que o ser humano estabelece com os objetos e como estes, a tal ponto de se poder decifrar uma sociedade através de seus objetos.

Através dos objetos podemos perceber como o ser humano vai lidando com mundo, como ele o explica, como ele sobrevive, como produz, como se diverte, enfim como cria sua vida, sua cultura. Através dos objetos podemos perceber como o ser humano foi se inventando. Enfim são quase infinitas as possibilidades de abordagens que se pode fazer através de uns objetos estes estão recheados de poesia, à espera de quem as declame, de quem as decifre.

O museu se constitui como um lugar privilegiado para a que estas histórias sejam decifradas e levadas ao público. Nos museus os objetos são estudados não apenas por eles mesmos, por suas características físicas, mas tendo-os como símbolos de ideias, instrumentos tecer narrativas, argumentos sobre algum aspecto das relações humanas. Nos museus é onde, segundo Waldissia Russio, se dá a “[...] relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem poder de agir”. (RUSSIO apud CURY, 2005, p. 59).

O ser humano que produziu os objetos, em um museu pode refletir, através deles, sobre sua própria forma de vida, sobre sua forma de produção, refletir sobre quem é, sobre quem foi e quem deseja ser. Através dos objetos a humanidade pode refletir sobre a humanidade contida nos objetos, a humanidade pode refletir sobre as suas realidades. Os objetos se tornam símbolos das ideias dos seres humanos.

Nas exposições dos museus é que se dá este encontro entre o ser humano e a realidade por meio da intermediação dos objetos. As exposições promovem experiências sensoriais nas quais os objetos são utilizados para construir narrativas, onde perspectivas do que é produzido pelo museu são transmitidas ao público. No MAS-UFBA a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas é utilizada para compor uma narrativa, nas quais os objetos de Arte Sacra, que foram produzidos ou chegaram ao Brasil entre os séculos XVI e XVII.

Existem, porém, diversas outras abordagens que os museus podem fazer através deste objeto, mostrando ao público, várias outras reflexões podem ser feitas. Para que estas

abordagens possam ser comunicadas é preciso que as exposições sejam bem elaboradas pela equipe do museu.

É preciso lembrar que os objetos devem ser utilizados nas exposições museológicas como signos, como representações de ideias, para compor narrativas e não apenas como utilitários. Para que estas narrativas sejam bem construídas, porém, é necessário que as equipes dos museus pesquisem sobre os objetos, investindo em seu potencial documental.

Para que estas narrativas possam ser bem transmitidas ao público, para que os objetos possam ser realmente signos e não incógnitas em uma exposição é necessário que os museus pensem em bons recursos expositivos, bons textos, imagens, vídeos, sons, cenários nos quais através de uma experiência sensorial o público possa não apenas entender bem o argumento defendido pelo museu, como também, através da estimulação dos sentidos, da própria memória, sinta-se instigado a refletir.

É nessa perspectiva que se propõe a realização uma exposição sobre a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, buscando trazer novas abordagens a partir da peça através de uma concepção expográfica que promova uma experiência sensorial ao público. Além de colaborar para que o público conheça melhor as histórias que envolvem a imagem através da realização de uma exposição como esta os visitantes do MAS/UFBA podem conhecer melhor a cultura baiana.

Finalizando este trabalho, lembro mais uma vez dos objetos museológicos como poesias. No poema “A Menina Transparente”, a poetiza, Elisa Lucinda escreve, de forma metafórica, que a poesia tem o poder de tornar a pessoa que a escreveu viva, mesmo depois que ela morre. Os poemas, de certa forma eternizam mesmo os poetas, cujos sentimentos, formas de pensamento, se “tornam vivos”, se atualizam, toda vez que alguém lê suas obras.

Os poetas têm sua existência alargada em seus poemas. Quando lemos um poema podemos nos aproximar da pessoa que o escreveu, entendê-la, nos identificar com ela, mesmo sem nunca ter conhecido aquela pessoa é possível compreendê-la pois o que está expresso ali são sentimentos e ideias, tão humanas quanto às nossas, mesmo que tenham sido escritos a quilômetros de distância, ou em um lugar muito distante no tempo.

Nas exposições museológicas os objetos, por sua vez, também fazem com que as pessoas que os criaram tenham sua existência alargada, muitas coisas sobre as pessoas ficam

ali guardada na “poesia dos objetos”. Se tentarmos “ler”, podemos nos encontrar com os sentimentos e ideias de seres humanos que viveram em outros lugares, outros tempos e perceber que eles são tão humanos quanto nós. É possível “ler” os objetos porque eles são recheados de humanidade, desta humanidade tão diversa que se modifica no tempo e no espaço, mas que continua sendo humanidade. Foi isso o que percebi ao estudar a história da imagem de Nossa Senhora das maravilhas e me deparar com os personagens que fazem parte de sua biografia.

Nas exposições museológicas é possível que através dos objetos, não só as pessoas que os criaram, mas também as que os manipularam ao longo do tempo “fiquem vivas”. Este processo também é similar em um poema, quando lemos um poema não só o poeta se torna “vivo”, mas todas as pessoas que tiveram suas histórias associadas as deles, como, por exemplo, os casais apaixonados, que fazem seus os poemas escritos por outros. Com os objetos em museus também pode ser assim, ao “ler” o que está neles, suas marcas seu contexto, podemos ver não só a história e os sentimentos de quem os criou, mas de quem teve sua história associada as dele em algum momento, inclusive a nossa própria história, através de um objeto de museu podemos, como nos poemas, encontrar a nós mesmos.

Em um objeto em exposição, assim como em um poema, também podemos nos deparar com fatos, ou sutilizas que antes não reparávamos em nosso cotidiano. É grande, portando, a responsabilidade de uma museóloga, ou museólogo e foi isto que a realização deste trabalho me permitiu perceber.

Um objeto, como a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas é recheado de poesias, cabe a nós a responsabilidade de decidir quais destas serão “declamadas” nas exposições e criar os métodos certos para que esta “declamação” possa ser compreendida pelo público. Contém muita responsabilidade em poder ajudar a decidir o que ou quem terá sua existência alargada nas exposições.

Nos museus continuamos a deixar marcas nos objetos que provavelmente serão lidas por outros no futuro. Quais marcas queremos deixar? Com os objetos de museus podemos alargar existências, mas que existências devemos alargar? Podemos fazer reparar em fatos sutis, mas em quais fatos queremos fazer reparar? Foram algumas das questões que este trabalho me levou a pensar. As respostas podem ser várias. Aí está também para mim alguns dos dilemas, mas também a beleza desta profissão que escolhi. As reflexões deste trabalho são apenas um começo.

REFERÊNCIAS

- ARRÁIZ, Madre Mariana Morazzani. Nossa Senhora das Maravilhas. **Revista Arautos do Evangelho** n. 3. Fev. 2005. Disponível em: <<http://www.arautos.org/secoes/artigos/doutrina/virgem-maria/nossa-senhora-das-maravilhas-2-144104/>>. Último acesso em: 30 jan. 2018.
- AZEVEDO, Thales de. **O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social**. Salvador, BA: EDUFBA, 2002. 70, [3] p. (Nordestina ;). Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/464/1/O%20catolicismo%20no%20Brasil.pdf>> Último acesso em: 30 jan. 2018.
- BULA *Super specula militantis ecclesiae*. Bula do Papa Júlio III- Criação da Diocese de São Salvador da Bahia. 25 fevereiro 1551. Disponível em: <<http://arquiocesalvador.org.br/site/wp-content/uploads/2014/09/BULA-DE-CRIA%C3%87%C3%83O-DA-ARQUIDIOCESE-DE-S%C3%83O-SALVADOR-DA-BAHIA.pdf>> Último acesso em: 30 jan. 2018.
- BRASIL, Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências**. Brasília, 14 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm> Último acesso em: 31 jan. 2018.
- BRULON, B. Os objetos de museus, entre a classificação e o devir. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 25, n. 1, p. 25-37, 2015. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000018401/f91eae24f89155635b04305e8232ffa2>> Último acesso em: 30 jan. 2018.
- BEHRENS, Ricardo. **Salvador e a invasão holandesa de 1624-1625**. Salvador: Editora Pontocom, 2013. Disponível em: <<http://www.editorapontocom.com.br/livro/16/16-ricardo-behrens-salvador.pdf>> Último acesso em: 30 jan. 2018.
- CALDERÓN DE LA VARA, Valentin. **50 peças do Museu de Arte Sacra da Bahia**. Salvador, Dow Química, 1981. 124 p.
- CALDAS, Fernanda. **UFBA e Igreja renovam acordo de gestão do Museu de Arte Sacra**. In: Edgard Digital 25 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.edgardigital.ufba.br/?p=5640>> Último acesso em: 31 jan. 2018.
- CAMAÇARI, Perfil e Diagnostico. 2000-2005. Disponível em: <<http://www.aocp.com.br/concursos/arquivos/perfilediagnosticodecamacari.pdf>>
- CAMPOS, Fernanda da Silva. Educação Patrimonial: Estudo da Memória ao Pertencimento. In: **Biblioteca Digital de Trabalhos Acadêmicos**, 2015. Disponível em: <<http://bd.centro.iff.edu.br/bitstream/123456789/925/1/EDUCA%C3%87%C3%83O%20PA TRIMONIAL.pdf>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas**: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860 – 1940). 2004. 215 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103165/couto_es_dr_assis.pdf?sequence=1> Último acesso em: 30 jan. 2018

COTRIM, Gilberto. **História Global** - Brasil e Geral. 9 Ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

COSTA, C.. A Sé primacial do Brasil: uma perspectiva histórico-arqueológica / Brazil's primatial church: a historical-archaeological perspective. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, v. 1, p. 51-82, 2011
Disponível em: < <http://www.bahia-turismo.com/salvador/igrejas/se-primacial.pdf>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

CHAGAS, Mário De Souza. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 2, n. 2, maio 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/534>>. Último acesso em: 30 jan. 2018.

CUNHA, Marcelo Bernardo da. **A Exposição museológica como estratégia comunicacional**: o tratamento museológico da herança patrimonial. In Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO. Vol. 1 n.1 ,2010.
Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1062/624>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

CURY, Marília Xavier. Museologia - marcos referenciais. **Cadernos do CEOM** - Ano 18, n. 21 - Museus: pesquisa, acervo, comunicação, junho,2005 Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2271/1353>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. **História Ciência Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, supl. p. 365-380, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702005000400019>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

CURY, Marília Xavier. Comunicação Museológica -Uma Perspectiva Teórico Metodológica de Recepção. **Anais XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Porto Alegre**, 2004 Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/index.html>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

DILLMANN Mauro, Religiosidade popular católica no Brasil durante a vigência do Padroado. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 138, nov. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/17391/9957>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

ESTILL, Clélia Argolo. O estalo de Vieira à espera da leitura. **Rev. Psicopedagogia** 2006;23(71), 145-151 Disponível em: <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/397/o-estalo-de-vieira-a-espera-da-leitura>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

FAUSTO, Cláudia Maria Guanais Aguiar. **Padrões, Cromatismos e Douramentos na Escultura Sacra Católica Baiana nos Séculos XVIII e XIX**. 2010. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9818/1/dissertacaoclaudiamariaaguiarfaustopt%201.pdf>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. Imaginária e imaginário no Brasil Colonial. **18 Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas** - Transversalidades nas Artes Visuais, 2009, Salvador. Anais do 18º Encontro Nacional da ANPAP / Associação Nacional de. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 2142-2156. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1290>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

FREITAS, Joseania Miranda. CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Reflexões sobre a exposição temporária do MAFRO/UFBA Exu: outras faces. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** –PPG-PMUS Unirio | MAST, vol. 7, nº 1 2014. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/341>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

FERNANDES, J. D. C. Introdução à semiótica. In: **Ana Cristina De Sousa Aldrigue; jan edson rodrigues leite**. (Org.). LINGUAGENS: USOS E REFLEXÕES V. 8. 1ed. JOÃO PESSOA: EDITORA DA UFPB, 2011, v. 8, p. 1-185. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/modulos/p8/p8_4.pdf> Último acesso em 30 jan. 2018.

GARCÍA, Francisco Jesús Hidalgo. La primera función y las fiestas de Nuestra Señora de las Maravillas . **Solemne Novenario Stma. Virgem de las Marvillas**. Cohegin , Janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.virgendelasmaravillas.es/wp-content/uploads/novenario-17.pdf>>. Último acesso em: 30 jan. 2018.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Teorias Antropológicas e Objetos Materiais. In **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios** 256p. - (Museu, memória e cidadania) - Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3753385/mod_resource/content/1/GON%C3%87A%20LVES.%20antropologia dos objetos V41.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3753385/mod_resource/content/1/GON%C3%87A%20LVES.%20antropologia%20dos%20objetos%20V41.pdf)> Último acesso em: 30 jan. 2018.

ICOM, Declaração de Caracas - 1992. Tradução de Maristela Braga. Cadernos de Sociomuseologia nº 15 – 1999. Disponível em: <<http://www.ibermuseum.org/wp-content/uploads/2014/07/declaracao-de-caracas.pdf>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museu e Turismo: Estratégias de Cooperação – Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Museus_e_Turismo.pdf> Último acesso em: 30 jan. 2018.

LA Advocación de las Maravillas de María, *una devoción con cuatro siglos de historia*. Disponível em: <<http://www.hermandadsentenciamaravillasgranada.es/la-advocacion-de-las-maravillas-de-maria.html>> Último acesso em: 30 jan. 2018

KOPYTOFF, Igor. A Biografia Cultural das Coisas: A mercantilização como processo. In: APPADURAI, ARJUN. **A vida social das coisas**. Niterói: EDUFF, 2008.

LINS, A. B.; MOREIRA, M. O Tratamento da Sinédoque enquanto Tropo e sua Aplicabilidade no Âmbito da Poesia Seiscentista. In: **IV Encontro Estadual de História ANPUH/BA, 2009, Vitória da Conquista. IV Encontro Estadual de História ANPUH/BA - Anais. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009. v. Único. p. 01-10.** Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Andr%C3%A9ia%20Batista%20Lins.pdf. > Último acesso em: 30 jan. 2018.

LINHARES, Esdras Mendes. **Padre Vieira, o homem e o discurso: uma leitura do Sermão do bom ladrão e do Sermão de Santo Antônio aos peixes 2007** Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras, - Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/emlinhares.pdf>> Último acesso em 31 jan. 2018.

LOUREIRO, José Mauro M.; LOUREIRO, M. L. N. M.; SILVA, S. D. Museus, informação e cultura material: o desafio da interdisciplinaridade. In: **IX ENANCIB, 2008, São Paulo. IX ENANCIB, 2008.** Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/view/2990/2116> > Último acesso em: 30 jan. 2018.

LOUREIRO, José Mauro Matheus; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Documento e musealização: entretecendo conceitos. **MIDIAS [online], 1, 2013.** Disponível em: <<http://journals.openedition.org/midas/78>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

LOUREIRO, Maria Lucia N. M. Preservação in situ X ex situ: reflexões sobre um falso dilema. In: ASENSIO, MOREIRA, ASENJO & CASTRO. **Criterios y Desarrollos de Musealización. SIAM -Serie Iberoamericana de Investigación en Museología, 7, 2012.** Disponível em: <https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11607/57448_16.pdf?sequence=1> Último acesso em: 30 jan. 2018.

MACGREGOR, Neil. **A história do mundo em 100 objetos**. Tradução de Berilo Vargas e Cláudio Figueiredo. 1 ed. Rio de Janeiro – RJ. Intrínseca, 2014. Disponível em: <<https://portalconservador.com/livros/Neil-MacGregor-A-historia-do-mundo-em-100-objetos.pdf> > Último acesso em: 30 jan. 2018.

MARQUES, Joana Ganhilho. Museus locais: conservação e produção da memória coletiva. **VOX MUSEI - Congresso Internacional da Arte, Património e Museus.** Faculdade de Belas-Artes. Lisboa, p. 1-14, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9158/2/ULFBA_PER_Joana%20Ganhilho%20Marques.pdf> Último acesso em: 30 jan. 2018.

MEGALE, Nilza Botelho. **Invocações da Virgem Maria no Brasil: História – Iconografia – Folclore.** Ilustrações de Eduardo Paez. 3ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 17.

MELO, Suzana Leandro de. **A Religiosidade no Brasil Colonial: o Caso da Bahia.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4161/1/arquivototal.pdf>> Último acesso em: 21 jan. 2018.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público.** *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998. Acesso em: 30 jan. 2018

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, n. 115, p. 103-117, dec. 1983. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61796/64659>>. Último acesso em: 21 jan. 2018.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **O objeto material como documento.** 1980. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3959717/mod_resource/content/1/BEZERRA%20DE%20MENESES%2C%20U.%20T.%20O%20objeto%20material%20como%20documento.pdf>. Último acesso em: 30 jan. 2018

PERES, Fernando da Rocha. **Memória da Sé.** Bahia: Edições Macunaíma, 1974. 255 p.

PINTO, Renata Inês Burlacchini Passos da Silva **A Praça na História da cidade o caso da Praça da Sé - Suas faces durante o século XX (1933 / 1999).** Salvador, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8820/1/DISSERTACAO%2520RENATA%2520PINTO%2520PARTE1%25201%2520SEG.pdf>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino da História.** Biblioteca e Arquivo Online do Diretório Acadêmico de História Francisco Julião da UFPE, 2015. Disponível em: <<http://bd.centro.iff.edu.br/xmlui/handle/123456789/925>>. Último acesso em: 30 jan. 2018

REGIMENTO que levou Tomé de Souza governador do Brasil. Almerim, 17 de dezembro de 1548. Disponível em: <http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/1.3.Regimento_que_levou_Tom_de_Souza_0.pdf> Último acesso em: 30 jan. 2018.

RIBEIRO, Emílio Soares. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Pierce. **Publicação do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da FFLCH-USP** jun de 2010 vol. 6, no1p. 46 –53, 2010 Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49258>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. Santos e devotos no império ultramarino português. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 146-178, 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872009000100007>
Último acesso em: 30 jan. 2018.

SANTOS, J.E.F; MASSIMI, M. **Nossa Senhora das Maravilhas: corpo e alma de uma imagem.** 2005, Memorandum, 8 116-129. Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/santosmassimi01.htm>.> Último acesso em: 30 jan. 2018.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 31, p. 169-189, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602008000100011>>. Último acesso em: 30 jan. 2018.

SANTOS Fernanda, O Colégio Da Bahia e o Projecto Educativo da Companhia de Jesus no Brasil Colonial. Anais do III Encontro Nacional do Gt História Das Religiões e das Religiosidades ANPUH Questões teórico metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões.** Maringá (PR) v. III, n.9, jan./2011. ISSN 19832859. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST6/012%20-%20Fernanda%20Santos.pdf>. > Último acesso em: 30 jan. 2018

SILVA, Carlos Henrique Gomes da. Antônio de Sá e a Prédica Jesuítica Seiscentista. **Anais do VII Simpósio da ABHR** – Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2015/04/com22.htm>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

SILVA, José Pereira da. Gregório de Matos, O Sagrado e o Barroco. **SOLETRAS**, Ano VII, Nº 14. São Gonçalo: UERJ, jul. /dez.2007. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4726/3488>> Último acesso em: 30 jan. 2018.

SÓROR, Violante do Céu. **Parnaso lusitano de divinos.** Na Oficina de M. Rodrigues, impressor, 1733, 1114 p.

TORRÃO FILHO, Amilcar. **Paradigma do Caos ou cidade da conversão: São Paulo na administração do Morgado de Mateus.** São Paulo: Annablume; Fapesb, 2007.

TV UFBA apresenta - Museu de Arte Sacra da UFBA TV UFBA. Produção e Reportagem Gisele Santana e Laila Nery. Coordenação Mariluce Moura. Publicado em 25 de nov de 2017 Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=HKFr1cc6cU>> Último acesso em: 30 jan. 2018

VIEIRA, P. Antônio. **Sermoens do P. Antonio Vieira** (Volume 07). v. 7, 558 p Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes.1692. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4573>> Último acesso em: 31 jan. 2018.